



*Minha vida retratada
É como uma flor...
Esta flor ainda tem vida,
Tem cor e cheiro...
Não é força do destino,
Muito menos do acaso,
São meus próprios espinhos,
Que semeei por acaso
Com a minha liberdade,
Deus me ajudará
Que eu viva prá caridade,
E que só pense em amar.*

OBS.: Trecho de um dos poemas de autoria
de Suzette quando encarnada.

Pelo espírito de **Suzette**

MUITO ALÉM DOS NOSSOS SONHOS

(Obra mediúnica onde é relatado minuciosamente o desencarne
de uma jovem macaense e a sua chegada à Pátria Espiritual).

Denisete Pereira Machado

MUITO ALÉM DOS NOSSOS SONHOS

Suzette

3ª Edição

Psicografado por
DENISETE PEREIRA MACHADO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

MUITO ALÉM
DOS NOSSOS
SONHOS

Pelo espírito de SUZETTE

MUITO ALÉM DOS NOSSOS SONHOS

(Obra mediúnica onde é relatado minuciosamente o desencarne de uma jovem macaense e a sua chegada à Pátria Espiritual).

Psicografado por
DENISETE PEREIRA MACHADO
No Grupo Espírita Pedro
Macaé – RJ



Gráfica e Editora Lar Cristão
Av. Profª Carmem Carneiro, 282/94
Tel.: (0247) 23-2858 - Campos-RJ

MUITO ALÉM DOS NOSSOS SONHOS
Copyright © 1992 by Manoel e Orígenes de Barcelos

É proibida a reprodução total
ou parcial desta obra sem prévia autorização

Capa
Desenho Mediúnico
de Suzette por
Denisete Pereira Machado

SUMÁRIO

Páginas soltas /	7
Introdução /	9
Pessoas mencionadas neste livro /	13
A médium /	14
Suzette Gomes de Barcelos Alves /	15
Muito além dos nossos sonhos /	17
Lá está ela sempre sorridente /	19
O parto /	21
O desencarne /	25
Tentando te ajudar, mãezinha /	27
Meu cordão já não reluzia /	31
Quanto é difícil morrer... /	33
De volta ao meu lar em Macaé /	37
Quadro desolador /	39
Mestra Lety /	41
Rumo à morada final do corpo físico /	43
A vovó /	47
Meu encontro com Evelyn, Luiz Sérgio, Carlos e Alice /	49
Culto cristão no lar dos pais de Evelyn /	53
O desencarne da vovó /	57
A despedida com tanta dor /	59
A passarela colorida /	61
Atropelos de viagem /	63
Portal de luz /	65
O sono e o despertar /	67
O grande salão /	69
Reflexões sobre minha chegada na espiritualidade /	71
O alojamento /	73
Recebendo ajuda de amigos /	75
O reencontro /	77
Retorno à minha Macaé /	79

Ao amanhecer: Grupo Espírita Pedro / 81
Minha mensagem: uma alegria / 83
Retorno à Colônia / 85
A caravana acolhedora / 87
Novas tarefas: Creche "Lar de Maria" / 89
A menina sofredora / 91
O retorno do chefe do lar / 95
Minha vida anterior / 99
Sinto a dor da perda de todos vocês... / 103
A cada dia que passa mais forte / 105
A espiritualidade é linda / 107
Meu desencarne da vida anterior / 111
A vida continua após o raiar de um novo sol / 115
Bem, é assim que vivemos / 119
A surpresa no dia das mães / 131
Minhas pequenas estrelinhas apagadas / 135
A janela está aberta... / 136
Parabéns, mamãe / 139
Minha história não tem fim / 141

PÁGINAS SOLTAS

Nossos agradecimentos aos médiuns: Denisetete Pereira Machado, George Abreu de Sousa e Pedro Jardim, pela colaboração na edição deste livro.

Nossa gratidão à tão querida Maria Jardim, que, nobremente, faz crescer o espiritismo em Macaé, pela bondade, simplicidade, humildade e persistência, no seu trabalho de dirigente espiritual encarnada.

Gratos ao Grupo Espírita "Severino Rosa", em Campos dos Goitacazes – RJ, pelo aprimoramento mediúnico e doutrinário de Suzette, que graças a esses ensinamentos, sua nova caminhada segue com equilíbrio rumo à evolução espiritual.

Agradecemos à professora de português Sônia Campos Pôrto, pela valiosa ajuda.

Pai Celestial, abençoe e ilumine a caminhada de cada um sempre voltada para o bem e o valioso serviço que vem prestando, com dedicação, no intercâmbio entre o plano espiritual e o corpóreo.

Muito obrigados...

Manoel e Orígenes
Macaé, setembro 1992

Parecer do **DR. ALBERTO DE SOUZA ROCHA** sobre esta obra mediúnica:

"EXCELENTE TRABALHO, COERENTES AS NARRATIVAS, MUITO APROPRIADO O TÍTULO."

ALBERTO DE SOUZA ROCHA, Professor do Instituto de Cultura Espírita do Rio de Janeiro, pertence também ao corpo editorial da Casa Editora "O CLARIM", de Matão-SP.

Nascido na aprazível cidade de Campos dos Goytacazes-RJ, e radicado em Niterói há muitos anos, Alberto de Souza Rocha - aos 70 anos, médico e aposentado - dedica-se intensivamente à pesquisa e à divulgação do Espiritismo.

ALBERTO DE SOUZA ROCHA é autor de várias obras espíritas, tais como os livros "Reencarnação em Foco" Editora "O CLARIM", "Espiritismo e Psiquismo" Editora Correio Fraternal do ABC(SP), etc., cuja matéria constante desta última obra é o resultado de pesquisa realizada em obras de vulto, espíritas e não espíritas, e de reflexões que delas fluem, concluindo pela superioridade absoluta das afirmações espiritistas no campo da Ciência.

Ao **DR. ALBERTO DE SOUZA ROCHA** os nossos agradecimentos pela atenção dada à leitura desta obra mediúnica.

Manoel-Orígenes

INTRODUÇÃO

Este livro se propõe trazer ao leitor a experiência vivida por **SUZETTE GOMES DE BARCELOS ALVES**, médium atuante de psicofonia e psicografia, estudiosa da Doutrina Espírita, que no esplendor dos seus 28 anos retornou à Pátria Espiritual.

SUZETTE relata nos mínimos detalhes o seu desencarne, sempre consciente do que lhe estava ocorrendo após um parto de alto risco, e a sua chegada à espiritualidade. Relata também o desencarne de sua avó paterna, que não resistindo à perda da neta mui amada, parte em busca de novos horizontes 12 dias após o seu desenlace.

SUZETTE e o grupo socorrista ajudam sua avó, e, juntos, numa caravana feliz, atravessam o grande Portal de Luz em busca de dias melhores; logicamente, tendo por companhia a dor e a saudade, por terem deixado aqui na Terra seus entes queridos, principalmente, da Suzette, que deixou para trás o bebezinho que não pôde sequer afagar nos seus braços físicos, e sua outra filhinha de apenas 6 anos de idade, um marido amoroso e uma vida toda pela frente.

Mas, a separação, nós sabemos, é imaginária, pois a cada lágrima, cada suspiro, cada sorriso e pieguices de suas pequeninas filhotas, ela está presente, aquecendo nossos corações e lembrando que a vida sempre continua após o raiar de um novo dia.

Nós, mães e pais que temos os nossos filhos, filhas e entes queridos no plano espiritual, confiemos na bondade do nosso Pai Maior, que nunca desampara seus filhos.

Devemos manter o equilíbrio emocional apoiados no Evangelho de Cristo, para que nossos queridos filhos, também, possam caminhar firmes em sua nova morada.

Ninguém foge da Lei da Ação e Reação, portanto, tenhamos fé na misericórdia do PAI, e muito breve, muito breve mesmo, estaremos todos juntos novamente e aí formaremos a grande família universal.

Orígenes

Mãe de Suzette
Macaé, setembro 1992



Suzette Gomes de Barcelos Alves
e sua filha primogênita Suzian.

Nasceu a 11.09.1961

Desencarnou em 02.06.1990



Suzette Gomes de Barcelos Alves
e sua filha primogênita Suzian.
Nasceu a 11.08.1961
Desencarnou em 02.06.1990

PESSOAS MENCIONADAS NESTE LIVRO

ENCARNADOS

- Marcelo* – Irmão mais velho de Suzette
- Suzely* – Irmã de Suzette
- Oliver* – Sobrinho da Suzette
- Rodrigo* – Irmão caçula de Suzette
- Lety* – Muito ajudou no encaminhamento da Suzette na Doutrina Espírita – Centro Espírita Vicente de Paulo
- Maria* – Pessoa mui querida de Suzette
- Alan* – Esposo de Suzette
- Rosa* – Jovem que vive na Creche “Lar de Maria”. Macaé – RJ

DESENCARNADOS

Evelyn – Colega de Escola, que desencarnou dois anos antes de Suzette, e muito tem ajudado Suzette em sua nova morada. A Evelyn já nos mandou um Livro com o título *Em Busca da Eternidade*, onde relata suas experiências vividas no Plano Espiritual.

Luiz Sérgio – Muito tem ajudado Suzette no Plano Espiritual desde o seu desencarne. Luiz Sérgio já nos mandou várias obras, também de suas experiências no Plano Espiritual, tais como: *O Mundo que eu Encontrei*, *Novas Mensagens*, *Ninguém está Sozinho*, *Chama Eterna*, *Lírios Colhidos*, etc.

Alice – Espírito trabalhador que faz parte da Caravana feliz de Luiz Sérgio, sempre procurando ajudar nossa Suzette.

Carlos – Espírito de um jovem médico, trabalhador incansável, está constantemente ajudando na caminhada espiritual de Suzette, dando sempre ânimo e estímulo.

Jacó – Espírito amigo que tem dado muita força e amparo espiritual à Suzette.

A todos que fazem parte desta caravana acolhedora, o nosso muito obrigado.

A MÉDIUM

DENISETE PEREIRA MACHADO, nascida em 22-02-1961, na cidade de Niterói-RJ, residindo em Macaé desde 1963.

Médium desde a idade de 8 anos, quando entrava em transe falando línguas estranhas, ouvindo e tendo visões. Apresentava fenômenos de sonambulismo.

Aos 12 anos já era médium de desdobramento.

Atualmente é médium atuante em psicofonia, psicografia, psicometria, vidência e desdobramento.

De boa formação moral, mãe de três lindas crianças, um marido compreensivo.

As mensagens recebidas pela médium DENISETE e que serviram para a composição deste livro, são verdadeiramente autênticas. As referidas mensagens foram recebidas nas reuniões mediúnicas do Grupo Espírita Pedro, na cidade de Macaé-RJ.

Orígenes

Mãe de Suzette

SUZETTE GOMES DE BARCELOS ALVES

Nasceu em 11 de setembro de 1961, na cidade de Macaé, “Região dos Lagos”, no Estado do Rio de Janeiro. Filha primogênita do casal Manoel Nunes de Barcelos e Orígenes de Jesus Gomes de Barcelos.

Viveu sua infância e mocidade na cidade onde nasceu.

Era dotada de uma personalidade extrovertida, alegre, grande amante e estudiosa da literatura espírita.

Escreveu mais de 200 poemas, quase todos voltados para o plano espiritual. Compunha melodias, com as quais, participou várias vezes de Festivais da “Canção Macaense”.

Dedicou-se muito ao serviço que fazia, sempre direcionado aos irmãos carentes.

Viveu humildemente, muito se preocupou em levar uma palavra amiga às pessoas que a procuravam em busca de compreensão fraterna.

Estudou no Colégio “Caetano Dias”, de sua cidade, concluiu o curso Técnico em Contabilidade. Iniciou o seu curso de Pedagogia, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé-RJ.

Com 15 anos começou a freqüentar a “Mocidade” do Centro Espírita Vicente de Paulo, onde fez amizade com a Sra. Lety Vieira, considerando-a sua mestra no seu aprendizado da Doutrina Espírita.

Muito estudiosa, logo passou a freqüentar as reuniões mediúnicas do mencionado Centro.

Suzette contraiu matrimônio com ALAN ALVES BATISTA em 26.02.83, passando a residir em Campos-RJ

Em 1984, passou a freqüentar as reuniões mediúnicas como médium atuante em psicofonia e psicografia, no Centro Espírita “Severino Rosa” na cidade de Campos-RJ.

Em novembro de 1989, voltou a residir em Macaé-RJ, para trabalhar na Petrobrás, nesta cidade.

SUZETTE, teve duas filhas, Suzian, hoje com 9 anos. Em 30 de maio de 1990, nasceu a Suzane, de um parto prematuro (7 meses), após uma gestação de alto risco, quando, após dois dias e meio de internação no CTI do Hospital São João Batista em Macaé-RJ e CTI do Hospital São Vicente de Paulo no Rio de Janeiro, retornou à Pátria Espiritual, aos 28 anos de idade, no dia 02 de junho de 1990.

Seus Pais,
Manoel e Orígenes

Av. Agenor Caldas, 280
Bairro Imbeliba
27.913-300 – Macaé – RJ
(0247) 62-5073

MUITO ALÉM DOS NOSSOS SONHOS

Hoje, queridos e amigos irmãos, venho falar-lhes sobre o título escolhido para o livro. Título este que descortina em nossas mentes algo muito além dos nossos sonhos.

A espiritualidade, vista quando ainda encarnados, é de uma beleza indefinida, é um belo e maravilhoso sonho que retratamos em nossa mente; quanto mais estudamos, mais aprendemos, mais e mais sonhamos com aquele belo lugar onde vivemos nós, os espíritos.

Meus amigos e irmãos, o sonho não acaba quando partimos para pátria espiritual, sabemos qual verdade é o sonho. É inimaginável aos homens encarnados. Acho eu que poucos têm o dom de desdobramento para enxergar tanta beleza. Tudo é produto de nossas mentes. Se encontramos paz é porque assim o idealizamos em nossas mentes.

Os belos jardins, as árvores frondosas, os frutos, o perfume. Ah! O perfume é extasiante e maravilhoso. Nada é mais um sonho para mim, a verdade é maravilhosa. A arquitetura de nossas cidades são palpáveis e esplêndidas. Os irmãos que nos cercam são bons e trabalhadores. Este título foi o primeiro que me veio à mente, devido ao meu ar de sonhadora. Meus amigos e eu achamos que combina muito com a minha realidade; e todos aqueles com quem tive o prazer de caminhar nesta última experiência carnal entenderiam de imediato o sentido deste título.

Feliz estou de sempre trabalhar e poder estar ao lado de vocês, dedico esta humilde obra aos meus familiares e, principalmente às minhas pequeninas, que nunca deixem de sonhar com dias melhores e vidas melhores, com resignação e humildade.

Paz a todos.

SUZETTE

LÁ ESTÁ ELA SEMPRE SORRIDENTE

Muito, muito além dos nossos sonhos...
Lá está uma pequena flor.
Desabrochou, aos poucos.
Vai se erguendo com
Muito amor e dedicação...
Muito, muito além dos nossos sonhos...
De voz rouca e emudecida,
Esta trabalha incessante, de pés
Descalços por sobre trilha
Abençoada trabalha sempre.
Muito, muito além dos nossos sonhos...
Lá está ela sempre sorridente,
Bochechas rosadas e sardentas,
Alegria das crianças em
Tão bela e doce sua caminhada...
Muito, muito além dos nossos sonhos...
Ela chora, cai, levanta-se,
Ergue-se e caminha adiante...
Muito, muito além dos nossos sonhos...
Cabelos floridos e dourados,
Ela goza de liberdade sadia e
Cheia de esperança caminha,
Caminha sempre...
Muito, muito além dos nossos sonhos...
Ela ora e agradece a
Vida que não cessa nunca
Floresce e, ao despetalar-se
Em trabalhos e estudos,
Esta segue e segue
Adiante em sua nobre caminhada.
Muito, muito além dos nossos sonhos...

Ela sonha com a paz do Universo.
Ela sonha com a harmonia dos seus...
Muito, muito além dos nossos sonhos...
Todos nós estamos juntamente
Com ela a trabalhar e caminhar.
Então meus irmãos sonhamos juntos.
Porque muito, muito além dos nossos sonhos
Todos estamos em harmonia constante.
Que a paz do Senhor esteja com todos vocês.
JACÓ

OBS.: A mensagem acima refere-se à personalidade de Suzette no plano espiritual, em harmonia com o título que foi escolhido para este livro.

O PARTO

Bom dia, queridos irmãos. Querida amiga, segue avante em tua caminhada, muito precisamos de ti. Há momentos em nossa vida em que é necessário que tropeçemos para seguirmos avante com cautela em nossa caminhada. Amiga, não cai uma folha sem a vontade do Pai.¹

Aproveitando alguns dias de folga que tenho, fiquei ao lado dos meus amados familiares.

Mãezinha, aproveitando a oportunidade que estou tendo, vim falar-lhe um pouco do presente. Já que do passado distante fiz-lhes algumas revelações que penso também serem muito importantes para vocês. Já que falar do passado distante também é muito importante para vocês. Já que falar do passado distante também foi mais fácil para eu lhes relatar. Porque estas revelações maravilhosas caíam-me como bálsamo de luz divina, a clarear a nova caminhada em minha nova morada.

Mãezinha, sei que sabes como dói falar de coisas tão recentes, tão marcantes, que ainda doem em meu peito amargurado. Mas, muito feliz de poder entender e poder trabalhar para minha melhoria espiritual, ao alcance de minha evolução moral e espiritual.

Mãe, tu que nesta vida ou em qualquer outra foste minha grande companheira, sabes bem do afeto que sinto em meu coração. Por vezes desanimo, mas a força que vem de ti, deste laço que nos une eternamente, me dá forças e sigo adiante.

Mãezinha, hoje venho dizer-te como me senti naquelas horas tão amarguradas do meu desenlace.

Mãezinha, não perdi o hábito de desabafar-me, por isso, entenda a necessidade que tenho de fazer isto. Quero que saibas de tudo nos mínimos detalhes.

1. Palavras dirigidas à médium.

Mãe, fui apanhada de surpresa, como bem sabes. Estava me sentindo inchada. Aquela inchação me causava grande incômodo. Fui ao médico e este me internou às pressas.² Porque eu estava em estado crítico e necessitava olhar aquele pequenino bebê que estava prestes a nascer e caminhar juntamente conosco.

Mãe, tentei aparentar calma, hoje me lembro com mais clareza. Queria deixá-los calmos e, na fé que sempre tive no Pai, fui confiante de que tudo sairia bem. Correu tudo bem aparentemente para mim: vi minha querida filha quando esta já respirava sem meu auxílio.

Mãe, que emoção colocar no mundo, mais uma vez, um espírito que imaginara criar e educar como tão bem fizeste comigo! Como já vinha fazendo com minha filhinha mais velha, com muito amor, diálogo e compreensão, já que eu e Alan nos propusemos a educar nossas filhas com muito amor. Porque muito amor tínhamos nós a doar. Sorri! Mãe, fiquei feliz quando saí daquela sala e todos me esperavam com muito carinho. Fui levada ao quarto, onde fiquei com mais algumas companheiras.³

12-11-1991 — Um ano e cinco meses após o desencarne.

2. Hospital São João Batista (Macaé-RJ)

3. Não tinha apartamento vago, por isso foi levada a quarto coletivo.



SUZIAN E SUZANE
Filhas de Suzette

O DESENCARNE

Estava bem! Sentia-me bem. O soro caía normalmente. Tudo corria bem. De quando em quando, uma enfermeira chegava perto de mim e daquelas mulheres que ali estavam. Olhavam-me e me cercavam com sorrisos de amizade e caridade cristã. De repente, fiquei muito sonolenta, muito pesada. Achei que haviam colocado algo no soro para que dormisse. Achei aquilo um absurdo, nada adiantaram meus pensamentos naquela hora.

Dormi, dormi, profundamente. Quando acordei estava em outro quarto de hospital,¹ com muitos aparelhos e médicos ao meu redor. Estranhei, então quis mostrar-lhes que estava bem. Fiz um pouco de esforço e sentei-me no leito. Mesmo assim, eles nada disseram. Continuaram ali parados, olhando aqueles aparelhos, olhando para mim. E eu, eu sorria, sorria, queria demonstrar que estava tudo bem.

As horas passaram, cansei-me de estar sentada e deitei-me novamente. Tentei dormir, mas não consegui. E então por conta própria, já que não me mandavam levantar, eu me levantei, uma enfermeira muito carinhosa deu-me a mão e com muita firmeza, ajudou-me a caminhar. Caminhamos. Senti-me cansada e pedi para retornar ao leito. A enfermeira carinhosamente respondeu:

— Você agora se sentará nesta cadeira (cadeira de rodas) e iremos conversar um pouco no jardim.

Fomos, mas saindo daquele quarto te avistei, mãezinha. Sorri, e tu nada dizias, choravas. Perturbei-me com aquela situação e pedi à enfermeira que me levasse até onde estavas. Ela chegou-me um pouco mais e eu toquei as tuas mãos geladas. E tu não

1. Transferida para o Hospital São Vicente de Paulo, na Tijuca, Rio de Janeiro.

reagiste. Continuaste ali, parada e triste. De quando em quando, uma lágrima rolava em teu rosto pálido e triste. De repente, senti um choque no peito. Meu coração doeu. Olhei para os lados e percebi que havia muita gente naquele local. O corredor estava repleto de pessoas e pensei: Não é hora de visita, como podem permitir tanta gente?

De novo, aquele arrepio... comecei a sentir medo, frio, muito frio. Levantei-me daquela cadeira e corri. Voltei ao quarto, onde pude observar que estava cheio de gente. Quando cheguei perto do meu leito, tomei um novo choque. Lá estava eu sem cor, triste, dormindo profundamente. Olhei os aparelhos e estes batiam devagar e estavam quase parando. Observei atentamente que meu coração, minha respiração, enfim, todos os meus órgãos funcionavam através deles. Apavorei-me. Tentei gritar, não tinha voz. Afinal de contas, eu sabia o que estava acontecendo. Assim, ao aproximar-se de mim novamente aquela enfermeira, perguntei-lhe:

– Estou em coma?

– Sim minha filha, seu corpo físico está em coma profundo, e seu cérebro já entrou em paralisação também.

Agora já chorava, e gritei:

– Meu Deus! Não tem mais jeito. Estou morta.

E quis explicar para mim mesma que não estava.

Estudei tanto, me sentia tão preparada para o desencarne e fui fraca, mãezinha, muito fraca. Entreguei-me ao choro profundo. A tristeza tomou conta do meu coração. Mas fui forte o bastante para pedir àquela boa enfermeira que me deixasse ficar. Ficar até o fim. Ficar e ver o aparelho parar. Ficar e presenciar também a dor daqueles a quem tanto amava. Pedi a ela para ficar. Ela se afastou e chegou perto de um senhor, que era o médico-chefe daquele setor. Este me deixou mais tranqüila quando acenou com a cabeça que sim.

Sentei-me numa cadeira ao lado do meu corpo físico e pus-me a orar. Coloquei-me a velar aquele corpo que tanto amara. Pois através dele fui tão feliz e tive momentos maravilhosos.

12.11.1991 – Um ano e cinco meses após o desencarne.

TENTANDO TE AJUDAR, MÃEZINHA

Lá estava eu cansada, triste, mas firme no meu propósito de permanecer ali até a hora final do meu corpo físico nesta terra abençoada.

Era um entra-e-sai, era um “ela vai melhorar”, partindo de corações solidários. Mas eu sabia que não adiantaria mais a boa vontade de ninguém. A minha hora era chegada afinal. O que fazer? – Pensei... Aquela boa enfermeira que me fazia companhia, respondeu-me serena:

– Acho bom orarmos, orarmos para o bem-estar dos seus familiares, e para que você, querida irmã, permaneça forte. Porque passará momentos de muito desespero.

Pedi a ela para que fôssemos olhar minha mãezinha, meu pai, o Alan, o Marcelo, enfim todos aqueles que me amavam e estavam ali também se apegando como eu às preces para que todos nós nos fortalecêssemos.

Cheguei perto de ti, mãezinha. Tão abatida, triste, angustiada. Abracei-te mais uma vez e senti que estavas gelada e fraca. Percebi então como estavas mal. Não comias, não dormias havia dias. Tu, mãezinha, te entregaste à desolação total. Foi aí que resolvi fazer algo para que despertasses, não te entregasses ao desânimo total.

Corri de volta ao lado do meu corpo. Estava perto de minha partida. Olhei para aquela bondosa enfermeira, implorei, com uma expressão de muita dor, que me ajudasse a ter forças. Foi aí, que alguns médicos se aproximaram de mim e puseram a me olhar. Como eles estavam ali para fazer o relatório médico, eu adquiri uma força que veio de dentro de meu peito, corri para aqueles aparelhos e comecei a mexer, com uma força que não sei explicar. Nem mesmo eu sabia que era possuidora de tanta. Alterei aqueles aparelhos por um momento. Aumentei a frequência cardíaca, mexi no aparelho de pressão. Nada

entendia daquilo, mas só sei que tudo estava no vermelho. Fiz muita força para que, por alguns segundos, aqueles permanecessem alterados a meu favor. Senti logo a reação de todos. Foi aquela correria. Tiraram-me a temperatura. Enfim, eu estava reagindo. Mal sabiam eles que era estranho ao meu triste corpo. Com ajuda da enfermeira e de alguns médicos, pudemos alterar, por instantes, o quadro clínico em que me encontrava. Eles também me ajudaram, porque a causa, enfim, era nobre. Em meio ao meu desespero interior, tentei ajudar os meus, que tanto sofriam também. Nunca fui uma pessoa egoísta, não seria naquele momento que o seria.

Quando terminou a visita dos médicos, pude enfim deixar os aparelhos seguirem o seu curso. Quem sou eu para mudar o que já estava traçado, há muito, pelo Pai.

Segui uma médica. Comecei a aplicar, ali, tudo o que tinha aprendido nos livros de André Luiz, e sobre mediunidade que estudara. Cheguei bem pertinho daquela médica, e comecei a pedir-lhe que fosse logo relatar o que havia ocorrido minutos antes. Ela relutou. Pensou: "Não, pela manhã informo". Eu continuei ao seu lado. Pedindo-lhe, implorando, que fosse naquele momento. Afinal de contas, eles também sofriam e precisavam de consolo. Porque não há consolo maior do que animá-los com a minha melhora aparente. A notícia seria de muito valor para todos. E continuei, pedindo que me ajudasse e fosse até vocês, mãezinha. Principalmente por ti, mãezinha, pois estavas muito abatida. Pude, então, perceber que não estava agindo erradamente, porque, de longe, aquela boa enfermeira seguia-me com o olhar sereno, dando-me segurança.

Acompanhei a médica até onde ela se havia sentado e fechado os olhos. Então eu agi. Fiz-me o mais presente possível. Pedi-lhe pessoalmente, olho no olho, para que me ajudasse e informasse meus familiares. A médica, como todos aqueles que não têm uma religião certa, assustou-se. Com um pouco de medo, acreditando ou não na vida após a morte, levantou-se com o firme propósito de avisar a minha mãe e a todos que ali

aguardavam uma pequena notícia de conforto, por menor que fosse.

Quando transmitiu a minha repentina melhora, eu senti o teu sangue, mãezinha, correr novamente nas veias. Como a esquentar todo o teu corpo naquele momento. Abracei-te com carinho, sentindo o teu coração bater descompassado e feliz. Vi, mãe, brotar em teu peito uma luzinha viva e brilhante de esperança. Todos ali se sentiram melhor. Quando alguém naquele momento falou:

— Vai, Orígenes, vai comer algo e dorme um pouco para amanhã estares mais restabelecida do cansaço.¹

Corri para o teu lado e comecei a pedir-te, mãezinha, que fosses com eles² e te alimentasses um pouco. Sabia que isto adiantaria, porque assim fiz com a médica, e adiantou. Mãezinha, eu já sabia que era o fim e este estava cada vez mais próximo. Pois aquele cordão que me ligara ao corpo físico estava prestes a se desligar de vez. Sua luz era já muito fraca e quase não se enxergava mais. Sabia que estava perto. Tinha que fazer algo e tirar-te dali. Coloquei-me ao teu lado, dando-te ânimo e esperança. Pedi para que fosses, que tudo acabaria bem. Mãe, fiquei impressionada com minha força, pois tu logo me atendeste e partiste. Eu não podia ir. Porque era já chegada quase a hora do desligamento do meu corpo físico.

19.11.1991 — Um ano e cinco meses após o desencarne.

1. Frase proferida por uma sobrinha da mãe de Suzette na sala de espera ao lado do CTI do Hospital São Vicente de Paulo (Rio de Janeiro).

2. Família amiga, residente no Rio de Janeiro e que se encontrava presente naquele momento.

MEU CORDÃO JÁ NÃO RELUZIA

Voltei ao quarto, sentindo mais uma vez a tristeza de ver meu corpo pálido, gélido e transformado. Por momentos, tive muita pena de mim. Misturando as coisas, como não a entender. Eu estava viva, e o que jazia era o meu pobre corpo físico, fraco e inerte. Abaixei a cabeça e retornei às preces. Quando levantei a cabeça, saindo daquele rápido torpor, lá estava ao meu lado a enfermeira, que me servia de companhia, a médica de que lhes falei e outros irmãos que naquele momento não sabia quem eram. Meu cordão já não reluzia. De repente, aquela correria. Juntaram-se a nós médicos e enfermeiras. Por mais que tentassem, foi em vão. Senti-me mal, tive ímpetos de gritar, mas me segurei, chorei, chorei muito.

Deitei-me sobre o meu corpo inerte e chorei desesperadamente. Mas tentando me controlar porque queria estar ali até o fim. Minha mãe, no fundo, também já estava sendo preparada. Porque, mãezinha, deste a roupa que me vestiria para o sepulcro.¹ Eu sabia. Mas sabes, aquela coisa que a gente tem, de sempre ter uma esperança, por mais remota que esta seja. Pois é, eu também me senti assim por algum momento, como tu. Mãezinha, afinal, eu era um espírito que estava em processo de desencarne. E como todos que aí vivem, sentia-me humana e imperfeita. Afinal de contas, continuara a ser a mesma. Só que agora em plano diferente.

Mãe, quando me vestiram aquela roupa que te pertencia, tudo o que tinhas também era meu, senti-me mal, muito mal; eu estava morta, gelada, triste, amargurada. Já não havia mais jeito, as esperanças se acabaram, era o fim daquele corpo na Terra que tanto amei e com o qual fui feliz.

19.11.1991 — Um ano e cinco meses após o desencarne.

1. Roupa pertencente à mãe e que na ocasião foi usada em Suzette.

...quando sentindo mais...
...transformada...
...misturando as coisas...
...que jazia em meu...
...cabeça...
...companhia...
...momento...
...medica...
...medicos e enfermeiras...
...sentir-me mal...
...chorei muito...
...meu corpo inerte...
...controlar porque...
...tambem...
...vestimenta...
...esperar...
...espero me acometeu...
...espero, o horror...
...humana...
...continua a ser a mesma...
...diferente...
...vestimenta...
...sentir-me mal...
...espero me acometeu...
...espero, o horror...
...humana...
...continua a ser a mesma...
...diferente...

O sol já vinha surgindo, eu podia sentir-lhe o calor fraco, triste; também como eu, ele vinha raiando com a mesma obscuridade que sentia em meu ser naqueles instantes dolorosos.

Ainda me encontrava sentada ao lado do meu corpo inerte. Aos poucos podia sentir o enrijecer dos meus ossos. Mas uma coisa ainda me deixava curiosa. O laço que me ligava ao corpo, já quase sem brilho, ainda podia se perceber. Fiquei assim por alguns momentos, sem entender; e minha companheira logo esclareceu-me o fato:

– Minha filha, o processo do desenlace do corpo físico é lento e, logo, não enxergará mais este fio que a deixou ligada por alguns anos a este corpo físico.

Eu me sentia pesada, triste. Novamente aquela sensação de torpor, de desespero me acometeu. Senti forte dor no peito, minhas pernas fracas, minha cabeça pesada. Tive ânsias de vômito. Queria gritar, estava presa; o desespero, o horror daquele momento doloroso me assombrou. Entrei em pânico, comecei a chorar copiosamente, desesperadamente.

Foi quando ouvi bem pertinho de mim, como um leve sopro de ar, um sussurro, uma prece, um alento, um conforto, alguém que orava, dava-me passes e, logo, pude perceber mais algumas pessoas no ambiente. Fiquei confusa; a morte é difícil, não se sabe ao certo o que vê, se é real ou ilusório. Não se distingue o real do irreal, se é bem assim que devo me expressar. Senti-me confusa, mas aquela prece me acariciava, me acalmava. Era um rapaz que ditava tão bem aquelas palavras. Aos poucos, fui me acalmando, conseguindo restabelecer meu equilíbrio de minutos antes.

O rapaz dirigiu a mim palavras amigas e perguntou-me afetuoso:

— Achas que realmente deves prosseguir e assistir a tristezas de desespero e dor?

— Sim, respondi-lhe com firmeza. Se não, jamais ficarei tranqüila.

— Então irmãzinha, ora, busca forças na oração sincera. Procura elevar-te ao mais alto que possas e nós te acompanharemos de agora em diante.

Ele me abraçou com afeto, levando-me agora para junto dos meus que sofriam em desespero e dor.

Mãe, senti-me fraca novamente quando te vi, tu estavas fraca, sem forças; a impressão que sentíamos era a mesma, como um limão espremido até não restar mais nada, a não ser o bagaço. Estávamos um bagaço.

Novamente senti-me tontear, a ânsia voltara, tinha ímpetos de correr, tive vontade que tudo fosse um triste sonho. Mas não, não era. Minha mente ficou fraca, senti que desfaleceria. Vi-me criança naquele momento, como num sonho; pude ver amigos, parentes, faltas que cometi. Brigas de crianças, desculpas que deveria ter pedido e não pedi. Senti-me como um réu, sendo torturada por lembranças que pensei esquecidas no passado, mas agora muito presentes. Queria voltar, acertar, reparar faltas. Oh! Meu Deus. Eu estava sendo acusada, julgada, condenada pelos meus próprios pensamentos. Novamente vi minha filhinha nascendo. Ai que dor! Não poder ao menos acalentá-la. De repente, tudo ficou escuro, senti-me desfalecer de vez. Mas com uma força maior, que era a vontade de ficar, relutei, lutei e voltei, dominei-me, estava sentada, fraca. Davam-me passes e estes caíam como chuva em dias ensolarados, aliviavam-me a tensão, davam-me forças. Meu coração novamente adquiria o compasso perdido. Eu acho que não sou capaz de descrever a vocês o quanto é difícil morrer.

Tantas vezes servi de veículo a irmãozinhos que necessitavam de consolo e apoio. Tantas vezes disse-lhes palavras boni-

tas de animo e consolo. Mas nada é tão triste quanto visto do lado de cá, como desencarnada.

03.02.1992 — Um ano e oito meses após o desencarne

DE VOLTA AO MEU LAR EM MACAÉ

O tempo passava, aprontavam-se para partir, e não quis desistir. Levantei-me um pouco fraca, mais renovada na minha decisão de prosseguir.

Coloquei-me ao teu lado, mãezinha. Queria dar-te ânimo num momento em que me sentia fraca e oprimida. Partilhava da dor, intensamente, contigo. Afinal, a perda era mútua, eu perdia e tu também.

Chegando até mim, o rapaz e a enfermeira pediram que eu os acompanhasse. Segui-os prontamente; eles se mostraram tão amigos e carinhosos, não tinha porque temer. Chegamos a uma sala daquele imenso hospital, lá estavam mais duas pessoas que me aguardavam. Uma delas não me era estranha. Tentei lembrar-me e nada, não consegui. Era uma moça jovem como eu. Mas em meio à minha angústia também não fiz força para saber. Pediram-me para sentar-me. Sentei-me. Abaixaram a cabeça, fizeram fervorosa prece e eu os acompanhei naquele momento tão bonito. Não posso expressar o que senti, uma mistura de paz e conforto. Senti-me leve e serena. Fechei os olhos, não sei se dormi ou se, num piscar de olhos, viajei. Quando pude abrir meus olhos, ainda ao som de tão bela prece, estava em casa. Peguei forças, respirei bem fundo. Meu coração batia acelerado e minha respiração estava ofegante. Criei firmeza em minhas pernas e entrei. Novamente, aquela sensação de desconforto e náuseas me perturbava. Respirei fundo, elevei meu pensamento ao alto, rogando forças ao Pai. Aquele rapaz me segurava forte o braço. Senti-me segura e sentei-me. Vi minhas filhinhas inocentes, puras e tão vivas. Abaixei minha cabeça, coloquei minhas mãos entre elas e tentei esconder a dor, as lágrimas rolavam qual cachoeira livre e altiva. Não tinha como segurar o pranto. Chorei, chorei muito. Pediram-me para que saísse porque o envolvimento com o lar era pior. Levaram-

me para dar uma volta, eu digo “levaram”, porque estava qual uma cega, sem saber a direção a tomar, precisando de um guia. Chegamos à praia, tão perto de casa. A brisa me acalmava, contemplei por muito tempo o mar. Meus amigos ali oravam, fiquei envergonhada e pus-me a orar também. Não sei o tempo exato, havia perdido qualquer noção de tempo. Sei que levantei os olhos novamente e eles ao meu lado, contemplavam-me serenos. Levantei-me e quis sorrir. Mas não consegui. Tentei aparentar calma. Não queria que me levassem dali. Porque bem sabia que iria a algum lugar. Não era leiga. Muito estudara e lera sobre o assunto. Voltamos à porta de casa, lá alguns falavam que o corpo já devia estar chegando e que iria para a igreja. Mais uma vez senti um choque, era isso mesmo e o meu corpo? Como poderia ter-me esquecido do meu corpo? Fiquei muito confusa, eu estava ali e nem sentia falta dele, respirava, chorava, falava, eu era uma duplicata de mim mesma. Que confusão estava na minha cabeça. Outros falavam que era a igreja de minha avó. Ah, pobre vovó, pensei, que dor não devia está sentindo com a notícia de minha morte.

03.02.1992 — Um ano e oito meses após o desencarne.

QUADRO DESOLADOR

Meus amigos ali comigo, davam-me força. Seguimos para a Igreja. Quando adentrei a porta principal, senti grande paz interior, senti uma harmonia profunda e regoziquei-me naquele momento sublime. Sentei e orei. Ah! Se todos soubessem o que é a prece o verdadeiro encontro com o Pai. Fiquei ali algum tempo, eu acho. Como já lhes disse, perdi a noção do tempo.

Voltei a procurar meus protetores e eles ali estavam atrás de mim, orando também, em comum acordo com os céus.

Levantei-me, segui até a frente e coloquei-me ao lado. Observava muitos amigos, parentes, e meu corpo ainda não havia chegado. Senti uma imensa vontade de estar ao lado do meu marido, das minhas filhas, dos meus pais e irmãos. Com olhar sério, o rapaz olhou-me a repreender-me, para que novamente eu não me entregasse ao desespero. Fechei os olhos, orei novamente, mais e mais, e o tempo não passava.

Mais tarde, meu corpo sem vida, sem cor, gelado, chegou.

O desespero tomou conta daquele ambiente até então calmo e sereno, de uma paz indescritível.

Aquela agonia, desespero, o meu Alan desolado e pálido, sério como jamais o vira em toda minha existência terrena.

Quadro desolador aquele e eu estava assistindo a tudo, sem nada poder fazer. Marcelo¹ tentava aparentar calma, e fazia bem o seu papel, prestes a desmoronar a qualquer momento. Conseguia transmitir aos presentes um pouco de paz e tranqüilidade. O que na verdade era simples imagem ilusória. Por isso, muito ouvimos “aos olhos dos homens tudo passa, tudo agrada, mas aos olhos de Deus jamais passa despercebida a verdade dos fatos”. Sim é fato, quando encarnados não nos damos conta

1. Um dos irmãos de Suzette.

da responsabilidade, aos céus nada passa, tudo e muito bem registrado e anotado.

Colocaram meu corpo feio e triste ali, para que todos pudessem observar.

Que coisa horrível é um velório visto daqui, como um espírito desencarnado. É triste ver seu corpo sem vida, à mercê de curiosos, amigos e parentes.

Não saí do lugar, fiquei ali parada, triste, imóvel, participando da dor de todos. Velando meu corpo tão jovem e pálido, naquele momento, senti uma grande vontade de abraçar a todos, de subir em cima de uma daquelas cadeiras e gritar, gritar bem forte e alto, fazer-me visível aos seus olhos e dizer que estava viva, que tudo não passou de um triste equívoco. A realidade logo me trouxe de volta, quando a vi entrar, mãezinha, cambaleante e fraca, sem forças, assim como eu. Senti-me mal, muito mal, fiz força para não cair, mas o peso, o torpor foi mais forte que eu, senti-me desfalecer. Fiquei mal, sentaram-me, ministraram-me passes e aos poucos comecei a reagir. E, para ajudar meus amigos ali presentes, comecei a orar. Orei, pedi ao meu bom Deus que me mandasse forças naquele momento.

03.02.1992 — Um ano e oito meses após o desencarne.

MESTRA LETY

Chorava, mas não tinha como não chorar, o ambiente era de tristeza e angústia. Havia no ambiente chispas de luz que se confundiam. Muitos desses raios, se é bem assim que devo dizer, eram escuros, cinzentos, mas se misturavam com outros de variadas cores. Tudo aquilo me chamou a atenção e pude perceber que os raios eram emanados de todos ali presentes, tanto encarnados como desencarnados (como eu e meus amigos). Dirigi-me aos bancos e sentei-me ao lado de minha boa amiga e mestra Lety.¹ Naquele momento deleitei-me à sombra de suas orações. Ali, ao seu lado, havia outras pessoas que oravam fervorosamente pelo meu bem-estar espiritual. Senti um afago. Aquelas preces me acalentaram e protegeram-me naquele momento. Fui banhada por uma nuvem de cor alaranjada, uma mistura de cores, do amarelo ouro ao vermelho. Aquela nuvem aqueceu-me o coração. Aquela luz me acalentou e acalmou. Pena que todo ambiente não pudesse estar assim, só ali do primeiro banco à frente aquela luz irradiante cobria-nos a todos, envolvia o meu corpo gélido e eu sentia como que aquecê-lo.

Fiquei, ali, ao lado dos meus amigos desencarnados e bem pertinho da minha querida Lety (senti-me um vampiro a sugar-lhe o sangue). Eu me engasgava com tão doces preces. Pelo amor com que eram emanadas de dentro do seu coração. É como se tivesse aberto seu peito, querida amiga, e deixasse sair tudo de belo que ele produz.

Prostrei-me ali e fiquei. Havia horas em que tinha ímpetos de sair, abraçar-te, mãezinha, e, também o meu querido Alan,

1. Dirigente da mocidade espírita do Centro Vicente de Paulo (Macaé), que Suzette freqüentava em sua adolescência, passando mais tarde a integrar as reuniões mediúnicas como médium de psicografia e psicofonia.

Marcelo, consolar minha irmãzinha querida. Mas não consegui, estava me sentindo bem e fiquei. Olhei ao meu redor, vi amigos que não via há muito, meus parentes, vovó abatida, triste.

Ah: que angustiante é essa hora... É desolador ter que reparar este momento de dor com todos vocês. A "morte" não deveria existir, deveria ser eliminada deste quadro de evolução. Esta parte da lei evolutiva deveria ser mudada. Mas quem sou eu? (mais um espírito triste a pensar sandices em hora de desespero). Fechei meus olhos, como a não querer enxergar o que acontecia ao meu redor. Contagiada pelas preces amigas, orei também pelo meu bem-estar espiritual.

04.02.1992 — Um ano e oito meses após o desencarne.

RUMO À MORADA FINAL DO CORPO FÍSICO

Fiquei bastante tempo ali, deliciando-me de tanta paz e proteção. As horas passaram, eu acho que longo tempo fiquei ali, como se estivesse numa câmara, revitalizando energias. Ali eu me sentia tranqüila e em paz com Deus e comigo mesma.

Chegada a hora do sepultamento, quando fizeram preces tão lindas, o desespero novamente me assombrou. Cambaleei, senti-me pesada, tonta, enjoada. Meus amigos chegaram a mim fraternalmente, dando-me passes e conforto. Saímos ombro a ombro junto a vocês, colocamo-nos solidários, lado a lado, naquela hora fúnebre e triste.

Seguimos para o sepulcro. Naquele momento queria que as horas passassem, voassem até, para que se encerrasse logo aquele episódio sórdido de dor.

Meus amigos me atrasaram um pouco a caminhada. Pediram-me que aguardasse com calma e que não participasse daquele momento doloroso. Não ouvi. Pedi para que não me interrompessem agora, já no final. Eu não me desanimaria. estaria ali, junto àqueles que muito amava, com a certeza de que de alguma forma ajudaria.

Seguimos adiante, chegando lá, sem mais delongas começou o sepultamento, afinal. Senti, mais uma vez, tudo desmoronar ao meu redor, tudo ficou turvo, nebuloso... Por um momento, não me senti ali. Senti muito frio, como se estivesse a me congelar. Meus amigos-tutores, protetores, seguravam-me fortemente, podendo, assim, me reencontrar naquele momento comigo mesma. Senti-me uma bola de soprar, que, num instante, rapidamente, se esvaziara até murchar.

Por um momento tentei me reequilibrar, tentei orar, meu pensamento não concatenava muito bem as idéias. Meu amigo neste momento, falou-me com firmeza e seriedade: "Ergue-te,

ora, tem fé no Pai. Não te deixes levar por pensamentos tristes e sombrios.” Tentei, sei que tentei, mas faltava-me o ar. Não tinha forças.

Tiraram-me dali, à força talvez; só sei que quando me encontrei de novo estava do lado de fora. Olhei em direção à entrada, que coisa estranha senti. Senti medo, vontade de fugir. Pensei que agora estava morrendo de verdade. Até então não havia sensação de “morte”. Agora eu me sentia morrer para sempre. Olhei adiante, havia muita gente naquele local, muitos choravam, gritavam, havia mutilados e desorientados. Ainda não conseguia distinguir encarnados de desencarnados. Então, minha protetora chegou a mim e falou:

– É fácil estabelecer a diferença, os encarnados na sua maioria, produzem uma auréola de luz em torno de seu corpo. Os desencarnados, se olhares bem, verás que estes trazem no peito, a cor da dor. Não existe este cordão que os cerca e envolve. Fiquei confusa. Esta que me falara de luz, só irradiava luz e esplendor. Mais uma vez falara:

– Não digo a luz que vem do peito, porque se observares todos têm esta luz, seja ela obscura e sombria ou vivaz e cintilante.

E pude observar e, realmente, todos tinham esta luz que vinha do peito. O rapaz que nos acompanhava tinha muita luz em seu peito. Era uma estrela acesa em seu peito. Esta luz me atingia e me dava forças para seguir.

Lá dentro, dor, muita dor, choro, gritos e desespero. Todos ali sem energia, sem forças, assim como eu.

Ministravam-me passes, sentei-me à beira da calçada e ali permaneci por um bom tempo. Vi meus amigos, desconhecidos, irmãos, parentes, tu, mãezinha, meu querido marido, todos tão tristes e desolados.

Mas não tinha forças sequer para abraçá-los e confortá-los. Naquele momento quem muito precisava de afeto e amparo era eu.

Vendo-me agora qual cordeiro, que precisava de um pastor para guiá-lo, chegaram até mim, olharam-me e perguntaram:

– Ainda queres prosseguir?

– Ah! Meu Deus! Pensei que havia terminado, que agora seguiria para algum lugar para talvez repousar e descansar.

Pelo menos tentaria. Mas aquele meu jeito insistente e metido não me deixou recuar. Havia passado por horas tão crucificantes e ali estava viva e cônica de tudo que se passava ao meu redor. Não relutei, levantei-me, adquiri nova força, e pus-me à disposição daqueles que me ajudaram.

04.02.1992. – um ano e oito meses após o desencarne.

A VOVÓ

Orei, fervorosamente, pedindo amparo a Deus. Fechei os olhos, me abandonei em preces. Novamente quando abri meus olhos, encontrei-me em nova situação, ao lado de minha avó. Esta, cercada por muitos espíritos amigos, recebia passes e luz. Pude observar seu coração fraco, muito fraco. Colocaram-na num aparelho, como se fosse receber sangue ou coisa parecida. Davam-lhe longos passes na cabeça e no coração. Senti-me culpada, triste. Então, percebendo-me os ânimos, afastaram-me dali para que minha influência negativa não lhe fizesse mais mal. Não agravasse seu estado crítico. Senti-me egoísta. Será que só eu sofria? Não passava a humanidade naquele momento por tanta dor? Em tantos lugares naquele instante também não acontecia algo de triste? ah! Senti-me egoísta e meu lado crítico falou mais alto; tentei corrigir-me.

Amparei-me novamente nas preces. Meio perdida ainda, tentei orar e concatenar idéias que estavam vazias e difusas.

Quis voltar para o lado de minha querida velhinha, entregue à dor e ao desespero. Eu podia sentir a dor que ia em seu peito. Coloquei-me ao lado e ditei-lhe uma longa prece em versos como assim bem gostava de fazer quando aí vivia. Todos, formando um elo de proteção a envolvemos e esta dormiu serenamente. Senti-me útil e por um momento; em meio a tanta dor que vinha em meu peito, pude me sentir bem porque já começava a ajudar. Apesar de me sentir fraca e pesada, sentei-me ao seu lado. Em oração, tentei manter a calma perdida e todos juntos oramos e cantamos para que ela ficasse bem. Pude presenciar um momento de surpresa para mim, quando seu espírito levantou leve e dirigiu-se a mim. Abracei-a triste, mas nos alegramos por eu estar viva. Então, foi-me explicado que ela se desprendia do corpo através do sono,

alegrava-se ao me encontrar e abraçar, abrandando assim a dor que tinha em seu peito.

Ela se sentou ao meu lado, meus amigos aproveitaram o momento para ministrar-lhe passes e conforto. Achei estranho mais uma vez, só eu enxergava e ela não. Ela só enxergava a mim. Nós estávamos em uma mesma faixa vibratória e eles não. Achei estranho, mas me disseram que isto era comum já que ainda me encontrava tão ligada aos laços de família.

Por horas a fio fiquei ali sentada contemplando seu sono leve e tranqüilo. Agora me sentia mais segura. O peso no meu corpo continuava e me incomodava. Mas mãe, a morte é bela e tranqüila. O que dói é a sensação de perda, mas que na realidade não existe. Ainda sentia o peso em minha barriga, como se meu ventre ainda estivesse carregando aquela pequenina flor que acabava de desabrochar. Mas eu não podia pensar muito, substituí meus pensamentos sem remorso em preces edificantes e consoladoras.

04.02.1992 — Um ano e oito meses após o desencarne.

MEU ENCONTRO COM EVELYN, LUIZ SÉRGIO, CARLOS E ALICE

O tempo passou, dias talvez. O grupo que estava comigo era solidário e amigo.

Agora já podia perceber muito mais as coisas ao meu redor. Senti que aquele rapaz que me acompanhava com tanto desvelo era alguém importante. Porque muitos jovens chegaram até nós e o consultava sobre trabalhos que estavam acontecendo em algum outro lugar. Afinal fui obrigada a reconhecer, naquele momento, que não existia só eu, muitos sofriam também em algum lugar.

Senti forte curiosidade de saber quem eram, de ajudar e de trabalhar. Como fiquei feliz de sentir tão nobre sentimento! Afinal, apesar de muitas falhas, quando vivia em meu corpo carnal, elas não me atrapalharam e a vontade de ajudar foi mais forte. Então me senti um pouco integrada ao grupo.

Estava sentada ali, prostrada no meu egoísmo. Afinal o mundo não acabou. Levantei-me, cheguei mais perto daquele grupo solidário e um choque! Um susto! Eu conhecia aquela jovem ali sentada. Ela, adivinhando a minha surpresa, levantou-se e veio até mim.

— Querida, é o mínimo que posso fazer por ti, já que quando desencarnei suas preces tão presentes, me ajudaram a fortificar-me.¹ Senti-me querida e ajudada.

— Mas Evelyn, é você mesma ou penso que é?

— Não amiga, não há confusão, agora nossa visão aperfeiçoada e sincera jamais nos enganará.

Senti uma força renascer em meu espírito. Senti renovar-me as energias. Abracei-a em prantos. Senti-me segura, familiarizada. Senti-me feliz, muito feliz de estar ali diante de uma co-

1. Colegas de colégio, no período da adolescência.

nhecida querida de minha terra. Oh! Meu Deus, mais uma vez pude evidenciar a Sua bondade sincera e lembrei-me da parábola que diz: “mesmo que penetres nos vales da sombra e do medo, não estarás sozinho, pois Ele com Sua bondade e vigiância estará conosco, nos acompanhará”...

Abraçamo-nos, formulei muitas perguntas naquele momento. Meu pensamento viajou.

– Calma, calma... disse-me ela: Graças, estamos numa mesma faixa vibratória e muito tempo teremos juntas para trabalhar, orar e conversar. Aquiete seu coração apressado, organize as idéias e oremos porque já estamos em trabalho, minha irmã.

– Sim, acalmarei meus ânimos e juntas agradeceremos este momento tão valioso para mim.

– Ah! Meu Deus, tantas vezes roguei-Te trabalho, paciência e perseverança. Fui atendida, sei que farei tudo para merecer-Te tanta confiança e afeto.

Juntamo-nos ao restante do grupo, e teceram-se assim o resto das apresentações.

Aquele rapaz não me era estranho, talvez já o tivesse visto em algum lugar, ou talvez num livro...

– Sim, chamo-me Luiz Sérgio – disse-me com uma calma edificante.

– Sim, lembrei-me, feliz, de também já o haver conhecido.

E assim, todos se apresentaram: o Carlos, Alice e outros mas que não me é permitido revelar a identidade. Com o tempo, talvez, eu o faça, com seu aval.

Mãe, que felicidade, todos jovens assim como eu, uma vontade profunda de ajudar, através da união sincera e desprendida.

Passaram-se mais alguns dias, por vezes ficávamos em grupo menor. Luiz Sérgio era muito solicitado a trabalhos edificantes como este que fizeram comigo.

Tive melhor oportunidade de restabelecer-me e ajudá-la também, mãe.

Fiquei feliz quando, num final de tarde, todos se aprontaram para sair e fui formalmente convidada (se quisesse) a seguir o grupo. Prontamente estava ali (curiosa como sempre) pronta a segui-lo em minha primeira saída a trabalho.

11.02.1992 – Um ano e oito meses após o desencarne.

CULTO CRISTÃO NO LAR DOS PAIS DE EVELYN

Fomos à casa dos pais de Evelyn, estes estavam prontos a iniciar um culto cristão no Lar.

Não sei se saberei descrever, através de escrita, momento tão lindo.

A casa estava repleta de irmãozinhos desencarnados, que ali estavam à procura de conforto e alento. O ambiente estava perfumado com uma fragrância deliciosa que nos embebecia com aquele aroma indescritível.

Toda a sala iluminada, as cores eram variadas, em cada canto da sala foram acesas lâmpadas como holofotes, com variadas tonalidades: verde, laranja, amarelo, violeta (muito violeta). Os raios se encontravam no centro da mesa, formando uma cor jamais conhecida por mim.

Como o ambiente estava lotado, fomos a um canto da sala e ficamos. Todos oravam, por vezes a prece ungia meu pensamento e quando caí em mim estava ali observando tudo e todos.

Achei lindo o momento em que Evelyn se aproximou, beijou seus pais, e estes parecendo perceber a situação, mais calmos ficaram, sua mãe parara de chorar e pôs-se a orar. Seu pai efusivamente ditava linda e fervorosa prece, que nos emocionou a todos.

Terminado o culto, o grupo recolhera alguns irmãos sofridos e chorosos e levou-os conosco.

Bem, por enquanto ainda não havia percebido como caminhávamos de um lado a outro. Sei que quando orávamos para sair, já estávamos ao término da caminhada.

Voltando ao assunto da vovó, pude perceber que só estavam comigo Evelyn e Carlos, o restante do grupo, com os irmãos acolhidos, tomou outro rumo.

Novamente a curiosidade:

— Foram levados a algum hospital?

Muitas perguntas fiz a mim mesma. Mas pacientei-me, muitas respostas teria a tantas indagações, respondeu-me carinhoso o Carlos.

Cantamos um hino e oramos.

Havia um jovem médico a seu lado, muitas vezes ele usava um aparelho como a medir-lhe a pressão. Dava-lhe injeções, meus amigos ajudaram com passes e orações. Pude perceber, várias vezes, seu espírito andar e vagar pelo quarto. Senti que também estava chegando a sua hora afinal, bem perto estava. Fiquei feliz de poder estar ali para ampará-la.¹ Acho eu que, se não estivesse ali teria sido muito pior. Seu entendimento era muito limitado,² e ela sofreria muito naquele momento tão doloroso.

Mãe, muitas vezes pude sentir tua confusão íntima. Orava muito, não com palavras soltas, sem destino. Orava com emoção e direção. A direção era eu, e suas tão confortadoras preces, mais e mais me ajudaram a seguir e caminhar com certeza.

Papai com idéias de vingança,³ vacilara em suas orações. Senti que precisava ajudá-los. Comecei a conversar com vocês mentalmente, pedindo para que não fizessem nada contra ninguém. Resolvi pedir-lhes que deixasse que o melhor dos juízes julgasse, observasse ou condenasse, o Pai de todos os pais, de bondade e caridade.

1. Desencarnou 11 dias após o desencarne de Suzette.

2. A vovó da Suzette era crente batista.

3. O pai de Suzette com idéia de responsabilizar o médico.

Estava bem. Por que fazer outros sofrerem se eu estava tão bem, tão viva?

Pedi a Evelyn que me ajudasse e me levasse a outra reunião onde ela estaria mais uma vez com seus pais. Ela, em seus pensamentos, firmemente, começou a ajudar-me para que pudéssemos te levar, mãezinha, ao grupo tão solidário e homogêneo de amor.⁴

11.02.1992 — Um ano e oito meses após o desencarne.

4. Grupo Nhô, onde o pai da Evelyn dirige os trabalhos de amor e caridade.

O DESENCARNE DA VOVÓ

Vovó já não estava muito bem, desencarnaria proximamente. Então, senti forte necessidade de ajudá-la naqueles momentos de desenlace do corpo físico. Ela dormia muito agora, a preparação era feita precisamente com eficiência e muito amor. Nós a cercávamos de carinho e preces.

Muitos aparelhos foram colocados em seu corpo. Acho que eram fontes de energias (pensava eu, por vezes). Mas logo obtive a resposta. Fomos ao Grupo Pedro (Macaé-RJ) onde, pela primeira vez, pude participar de uma reunião mediúnica do plano de cá, o espiritual.

Adentrando a sala de trabalhos, coloquei-me a um canto da sala. Lá estavam muitos espíritos. Senti um pouco de medo. Havia espíritos de todas formas, o que mais me espantou foram as formas animalescas. Carlos falou-me que eram desencarnados toxicômanos; triste visão, tão deformados ficam.

Senti vontade de sair dali correndo. Não reencontrei o pensamento no bem. A orientadora pedia-nos ajuda com os pensamentos para que firmemente pudéssemos ajudar aqueles que não mais que nós também precisavam de muita ajuda.

A orientadora cantara lindos hinos e a prece amiga acalmara aqueles infelizes espíritos. Todos sentíamos mudar quando por vezes um médium ou outro vacilava em seus pensamentos. Aqueles irmãozinhos desesperavam-se. Mas, a orientadora, muito bem assistida pelo mentor que conduzia a reunião, enviara-lhe instruções e novamente o ambiente se equilibrava.

Foram colocados aparelhos nas cabeças dos médiuns como um aspirador de pó (talvez para aspirar-lhes energias), mas a semelhança era muito grande. Os médiuns sentiam uma forte dormência em seus braços. As impressões eram ditadas por uma irmãzinha muito sensível. Sim, meus irmãos, já não tive

mais dúvidas, aquele aparelho sugava energias dos irmãos, era uma espécie de seletor. Armazenavam as energias que ajudariam à vovó, voltando. Aquele aparelho foi colocado novamente na cabeça dela, como já havia presenciado anteriormente. Mãe, jamais vi coisa mais linda: à medida que a energia penetrava em sua cabeça e seus poros, formava-se ao redor de seu corpo uma grande auréola de luz. Toda energia corria por seu corpo. Seu desencarne foi tranqüilo. Seu espírito deixou o corpo sem demora. O espírito, sentindo-se libertado do corpo carnal, foi colocado em uma maca, e ali, com medicamentos, passes, dormiu profundamente.

11.02.1992 – Um ano e oito meses após o desencarne.

A DESPEDIDA COM TANTA DOR

Acho que agora estava terminado meu trabalho. Estava curiosa para conhecer os diferentes departamentos da Pátria Espiritual. Então, pensei, acompanharei a vovó para que, quando acordasse, não entrasse em pânico e desespero.

– Não, ainda não, minha filha, disse-me Luiz Sérgio. Façamos uma nova visita aos seus familiares. Resgataremos outros irmãos que partirão conosco e aí sim, depois viajaremos de volta ao lar.

– É, meditei um pouco e pensei... É verdade. Meu novo lar...!

Senti uma dor forte no peito. Uma sensação de perda indescritível.

Orei, tentei manter o equilíbrio, e aquietei meu coração, como sempre tão apressado.

Levaram a vovó, eu fiquei.

Fomos mais uma vez a uma reunião mediúnica no Grupo Espírita Pedro (Macaé-RJ). Recolhemos alguns irmãos que precisavam de ajuda, que não se sentiam como eu, estavam desesperados, desorientados, num total de seis jovens, todos toxicômanos. Foram trazidos por nós. Demo-lhes passes, aplicavam-lhes algumas injeções e os trouxemos.

Então, pela primeira vez, presenciei uma condução, diferente, mas era uma condução, parecia-se um pouco com um ônibus. Dentro, muitas cadeiras e alguns leitos mais atrás, onde foram colocados a vovó e os irmãozinhos resgatados. Ainda, não tinha adentrado no veículo, todo iluminado (por vezes me lembrava um disco voador). Não sei ao certo defini-lo, é lindo. Um veículo do futuro (visto nos desenhos animados).

Dirigimo-nos novamente a minha casa (a nossa casa), pude abraçar mais uma vez minhas filhinhas, meu Alan, tu, mãe, o paizinho, Suzely, Oliver, Marcelo, Rodrigo, enfim todos que lá

se encontravam. Novamente perturbei o meu coração com pranto e desespero. Chorei muito em ter que partir e deixá-los. Pai, alimentei-me um pouco de suas energias de força e perseverança (embora estivesse muito cabisbaixo).

Mãe, tua fé, teu conforto amigo fêz-me renovar as emoções. Foi uma despedida muito triste, não me lembro, em minha vida, de ter me despedido assim com tanta dor.

Evelyn, chegando até mim, falou-me:

— Suzette, não é para sempre, estaremos sempre perto daqueles que amamos. O pensamento é uma forte corrente de comunicação. Saberás disso certamente no futuro. Vamos, é um breve adeus, muito trabalho temos pela frente e logo estaremos de volta.

Saí com meus amigos, mas muito triste e preocupada. Tinha muito medo por papai. Tive medo que perdesse a cabeça e fizesse alguma besteira.

— Não, Suzette, nada acontecerá, porque ele tem fé no Pai. O Pai jamais abandona seus filhos amados.

18.02.1992 — Um ano e oito meses após o desencarne.

A PASSARELA COLORIDA

Sáímos, fomos à praia. Não entendi nada. Veículo algum nos esperava. Deixamos cair a tarde; quando já um pouco escuro, pude presenciar magnífica pintura a se desenhar ali, bem à frente dos meus olhos. Era como se o sol voltasse novamente a brilhar. De repente, grande clarão se desenhou, como se uma porta fosse aberta no céu e a claridade penetrasse por dentro da noite. Mãe, se desenhou ali bem à nossa frente, como se fosse um sonho, extensa passarela colorida (como um arco-íris), formando um grande túnel (como dos grandes estádios). Senti-me algo um pouco especial, um pouco importante. Logo, logo desfiz os pensamentos porque sabia que estava sendo egoísta e muito imperfeita em meus pensamentos. Alice me olhou como a me congratular de meus pensamentos de acerto.

Mãe, que emoção, a condução chegara. Fomos ajudar a todos aqueles que seguiriam conosco. O espanto foi grande, muitos mais estavam ali; enquanto no meu egoísmo talvez visitava vocês, os outros do grupo trabalhavam incessantemente. Mais uma vez reconheci o meu erro. Pus-me a ajudá-los, começamos a entrar naquela linda e colorida passarela; muitos vinham em macas, outros precisavam de nosso auxílio, para poderem caminhar. Outros cambaleantes, tal como bêbados, precisavam de guias e nós começamos a seguir o longo caminho brilhante de cores maravilhosas.

Eu estava me sentindo bem, muito feliz, ainda sentia o peso em minhas pernas, meu corpo ainda doía. Mas estava feliz.

18.02.1992 — Um ano e oito meses após o desencarne.

ATROPELOS DE VIAGEM

Quando estávamos quase chegando à porta, ouvimos alguém que chorava, gritava, pedia socorro, pedia que abríssimos a porta para que viesse conosco.

Fiquei penalizada com a cena, era uma menina, não devia ter mais de 14 anos, linda, olhos grandes e negros, cabelos longos e pretos, com uma fisionomia de desespero terrível. Seu corpo estava todo marcado, tinha fortes correntes nas pernas como se fosse um animal, uma coleira cravara-lhe o pescoço (como a um enforcado). Quanto mais ela resistia, mais fundo penetrava a coleira, machucando-a fortemente. Ela gritava, sem pensar que estávamos penalizados.

Luiz Sérgio parou e em alto e bom som pediu que orássemos e mantivéssemos forte os pensamentos. Muitos espíritos acompanhavam aquela linda jovem acorrentada a eles. Eles a agarravam, passavam-lhes as mãos sujas e ela, apavorada, gritava:

— Por favor, deixem-me ir com vocês também. Por favor, ajudem-me; também sou filha de Deus. Ajudem-me por favor. Mas uma coisa interessante aconteceu: toda vez que ela pedia para ir, dizia que era filha de *Deus* e quando a palavra “DEUS” era mencionada em sua fraca voz, as correntes se soltavam. Eram muitas as correntes que a prendiam àqueles espíritos de aparência suja e feia como se fossem vampiros humanos.

Luiz Sérgio, mais uma vez, pediu-nos que mantivéssemos acesa a chama da fé e ajudássemos àquela irmãzinha. Não sei bem descrever, mas todos, como a esquecer as suas dores, fortaleceram-se com uma força sobre-humana e, juntos, ditamos fervorosas preces. Pela primeira vez, ouvimos o grupo de Luiz Sérgio cantar o hino da Colônia e todos cantamos juntos. Nossas energias eram emanadas até aquela jovem, que muito suplicara a *Deus* ajuda e amparo. As correntes eram soltas uma a uma; pude então presenciar cena jamais evidenciada. Um dos

irmãos do grupo pegara em suas mãos frias e todos, numa corrente, nos demos as mãos e fomos puxando suas mãos e conseguimos libertar a jovem daquelas mãos que a prendiam. Choramos, choramos e agradecemos ao Pai a libertação daquela jovem. Tive vontade de me ajoelhar e agradecer a Deus por aquela irmãzinha que sofria mais do que eu naquele momento. Como não deve ter sofrido aquela irmãzinha nas mãos daqueles vampiros horrorosos! Oh! Deus, fiquei tão deprimida, afinal tive mais sorte do que ela.

Meus irmãos me abraçaram e me ajudaram a levantar e todos se confraternizaram e convidaram-me a seguir adiante.

18.02.1992 — Um ano e oito meses após o desencarne.

PORTAL DE LUZ

Mãe, seguimos naquela passarela iluminada e chegando ao portal de luz, atravessamos todos de mãos dadas juntamente com aquela jovem tão chorosa e querida por todos nós, naquele instante tão bonito.

Atravessamos e minhas lágrimas jorravam, molhavam meu peito acelerado e feliz, era uma mistura de emoção, com dor, saudade; no fundo eram lágrimas de agradecimentos por tanto que recebia naquele instante tão lindo. Lamentei pela vovó, em seu estado letárgico não poder participar de tão linda bênção, de momento de paz tão sublime.

Atrás daquele portal, começamos a atravessar lindo jardim. Flores encantadoras, flores belas e perfumadas. É difícil, meus caros, passar para o papel tanta beleza, tanta luz. As flores eram banhadas por uma luz, que ao se misturarem em suas cores tão formosas, deixavam-nos maravilhados. O perfume então... jamais senti aroma tão gostoso e suave. Toda a terra era banhada por aquele perfume indescritível.

Mãe, meu corpo espiritual se sentiu aquecido e feliz. O sol era de um vermelho alaranjado, jamais visto pelos homens. O céu azul, muito azul. O calor era gostoso, diferente do calor da terra que nos deixa mal, sem forças. O sol irradiava força tal que me deixou bem, muito bem. Pisei forte, meus passos eram firmes, apesar de que o grupo, em sua maioria, levitasse. Mas estava me sentindo bem, feliz de estar retornando ao verdadeiro lar, à pátria querida, que, com pesar, muitas vezes, temos que deixar e retornar à Terra das provações e expiações.

Andamos, alegres, por entre aqueles maravilhosos jardins. Cheguei perto da jovem chorosa, abracei-a forte e senti grande necessidade de ajudá-la naquele instante. Orei, e ela, feliz, falou:

— Jamais imaginei que o paraíso fosse tão belo. Sei que não mereço estar aqui. Se vocês não fossem tão caridosos para comigo jamais conseguiria libertar-me.

Mãe, pela primeira vez, entendi todo o sentido da vida.

Abracei-a mais forte ainda, e nada disse, porque não adiantaria falar muito naquele momento. Pobre criatura, fez-me lembrar a vovó em seus conceitos de paraíso e inferno. Ela nem mesmo sabia que agora vivia em espírito, talvez.

Sentindo o meu embaraço, Carlos, Alice e Evelyn chegaram até mim e me abraçaram felizes, de poderem estar ali ajudando também.

Avistamos, ao longe grande Hospital. Várias construções se seguiam àquele magnífico prédio. Ali deixamos a vovó, aquela jovem tão linda e outros. Parte do grupo seguiu um pouco mais adiante, para uma espécie de alojamento. Fomos acomodados em pequenos quartos, onde havia uma pequena cama, uma mesa com uma jarra d'água e um copo. Uma janela pequena deixava entrar a claridade. Afinal estava amanhecendo, o sol quando vi despontar, era de um fulgor indescritível.

Numa espécie de cabide, estava uma roupa clara e perfumada, imaginei que fosse para mim. Usei-a, caiu perfeitamente, pois estava sob medida. Senti-me feliz, quando pude reparar em mim e vi que não havia mais inchações e gordura. Eu acho — pensei... — que aquilo foi meu estado mental, porque muito queria estar bem e fiquei.

25.02.1922 — Um ano e oito meses após o desencarne.

O SONO E O DESPERTAR

Não resisti, minha imperfeição falara mais alto, sentei-me em tão macia cama, orei. Pedi perdão ao Senhor de sentir tanta vontade de dormir.

Deitei, vi entrar meu amigo Luiz Sérgio com um médico, outra jovem entrou logo atrás, ficou em pé à cabeceira da cama e começou a me dar passes. O médico colocara um pequeno aparelho em minha fronte e parecia que puxara algo de dentro da minha cabeça. Luiz Sérgio, a um canto, permanecia de olhos cerrados e orava. Por vezes sentia um repuxo em minha cabeça, como que saísse algo de dentro. Quis perguntar, mas agora o sono aumentava, o torpor era grande, mal podia abrir os olhos ou sorrir. Sei que apaguei, dormi profundamente, não sei ao certo quanto tempo, talvez horas ou talvez até dias. Ao despertar, sentia-me leve, muito bem. Novamente podia avistar aquele maravilhoso sol. Senti muita sede, levantei-me, ainda tonteei um pouco, a leveza que sentia era grande. Peguei aquele jarro de água de cor azulada para violeta e bebi aquela água gostosa e refrescante. Estava realmente com sede, quando dei conta já tinha bebido toda a água. Fiquei um pouco constrangida comigo mesma.

Jamais senti receio ou medo, naquele instante senti ansiedade apenas, como sempre, não é minha mãe? Como sempre, ansiosa e curiosa. De repente, fui tirada de meus pensamentos; a porta calmamente foi aberta.

Evelyn entrou e disse-me:

— Graças, já não era tempo de acordares? Temos muito trabalho pela frente.

Fiquei feliz, peguei suas mãos, sorrimos e ela me perguntou:

— Já fizeste tuas preces de hoje?

Tive vergonha, mas não podia mentir-lhe, corei, senti minhas bochechas se avermelharem (lembrei-me demais de Marcelo

nesta hora)¹ e acenei com a cabeça que não. Ela, tranqüila e risonha, pegou-me a mão sentindo o meu constrangimento e disse-me em tom suave:

— Ah! minha amiga, ainda não tiveste tempo não foi? Nos primeiros momentos, depois do despertar é assim mesmo, ficamos meio atônitos. Vamos, sigamos juntas, oraremos juntas com os outros, no grande salão de palestras.

Fomos. Meu coração batia acelerado e senti-me feliz. Mentalmente agradei ao Pai por estar tão viva, tão bem.

25.02.1992 — Um ano e oito meses após o desencarne.

1. Marcelo é o irmão mais velho de Suzette.

O GRANDE SALÃO

Fomos todos ao grande salão de palestras.

Jamais vi obra tão perfeita. Todos, muito bem acomodados, sentamos no centro, um pouco mais elevado, para que todos pudéssemos ver com bastante clareza. Havia um palco. Nele, um orador acabava de adentrar e iniciar a palestra e outros oradores tomaram lugar ao seu lado.

Disseram-nos que, na maioria, éramos novatos no novo mundo.

Muitos de nós já tínhamos uma pequena noção do nosso novo estado e outros eram totalmente leigos. Ele falou sobre a primeira coisa que havíamos de perceber: o poder mental que tínhamos. Afinal, aquele mundo novo era fluídico. Nossas mentes eram os construtores deste mundo perfeito e real. Palpável, é claro, mas porque assim o queríamos. Como tudo que havia nele, o sol, a noite, o chão, a água, os pássaros, etc Cópia perfeita de nosso planeta Terra. Não havia diferença, caminhávamos por entre ruas, casas, prédios, novos para nós, é claro, mas, mãe, outra cidade daquelas que conhecemos quando habitamos na Terra.

Logo a seguir, um orador tomou da palavra e nos disse que, de acordo com a aptidão de cada um, seriam ministradas tarefas, já que não era nosso primeiro desencarne de um corpo físico, já havíamos passado por muitas vidas. E à medida em que o tempo passasse e estudássemos, descobriríamos novas aptidões que pensávamos não nas ter mais, que floresceriam com grande intensidade, impulsionando-nos a usá-las nos trabalhos que se seguiriam.

Disseram que somos espíritos, que adquirimos a forma da última encarnação, por ser mais recente e ainda muito ligada ao nosso perispírito. Que somos seres fluídicos, ou seja, somos aquilo que idealizamos ser. Dividiriam os presentes em grupos

e para cada um seria convocado um mentor. Apesar de alguns ali já estarem formados, não haveria nenhuma mudança. Este seria o meu caso, afinal, se formos analisar tudo que nos disseram, poderemos verificar a confirmação dos fatos. Quando em mensagem anterior mencionei o fato de estar me sentindo melhor (mais magra), mais leve, isto foi resultado do meu poder mental, fiquei da forma que queria estar. Por isso a mudança em meu antigo corpo,¹ agora fluídico, era comandado pela minha mente. Pensando um pouco mais nas palavras ditas ali, pude perceber que já havia começado a trabalhar minha mente, quando ainda no hospital, antes mesmo de desligar-me do corpo físico.

Eu só quero estar me expressando acertadamente para que não haja dúvidas ou dupla interpretação. Neste caso, seria um desastre já que estou sabendo que tu, mãe, pretendes publicar minhas mensagens, no que estou muito feliz de ser mais um veículo a confirmar tudo que já foi dito e ser mais uma força para tantos que ainda sentem uma sombra de dúvidas que seja. Serei veículo de forças para tantas famílias que têm através de mensagens a certeza de que seus entes continuam vivendo; e que como eu também, já deixaram firmadas suas primeiras impressões do novo mundo, muitos esconderam de todos, obras tão belas, deixando muitos irmãozinho tristes e decepcionados por não se fazerem acreditados e verdadeiros.

04.03.1992 — Um ano e nove meses após o desencarne

1. Suzette menciona mudança em seu antigo corpo porque na ocasião de sua internação no Hospital, ela se encontrava muito inchada.

REFLEXÕES SOBRE MINHA CHEGADA NA ESPIRITUALIDADE

Acho que vou ter que melhorar um pouco mais a maneira de narrar os fatos que tenho vontade de lhes trazer, agora que sei que muitos lêem as minhas mensagens. Acho que não cometi muitos erros até aqui, mas deixei muito claro para todos vocês minhas dúvidas e anseios de maneira firme e autêntica.

Tenho muito me beneficiado com as palestras edificantes do Divaldo. Ele tem a sensibilidade muito aflorada; fala dos problemas do espírito desencarnado com muita convicção.

Muitos irmãos têm idéia da morte bem contrária da que eu tinha.

O meu lado curioso me ajudou bastante. Ao contrário de muitos irmãos, tive a felicidade de ser logo amparada e ajudada.

Fui encaminhada logo ao prédio onde nossa vida anterior e outras também estão armazenadas em grandes e perfeitos computadores. Coisas jamais vistas aos olhos dos homens, de uma perfeição indescritível. Desejava conhecer fatos de vidas anteriores. Minha curiosidade e meu senso crítico falaram mais alto, meu apelo foi logo atendido. É a mania que sempre tive de querer caminhar em terrenos seguros e bem conhecidos por mim. E assim como já relatei anteriormente, fiquei sabendo logo da minha vida anterior a esta, ficando assim esclarecida de muitos fatos importantes já relatados a todos vocês.

Quis fazer este breve comentário hoje porque quero participar-lhes dos meus primeiros trabalhos aqui.

Muito tenho trabalhado, por isso minhas mensagens espaciais; mas não estranhem, assim que puder volto. Hoje tenho que ser breve porque há muito o que fazer.

10.03.1992 — Um ano e nove meses após o desencarne.

O ALOJAMENTO

Assim que me instalaram na Colônia, fui levada a um hospital onde fiquei por curto tempo, dormi um pouco, mas assim que despertei, logo quis sair, porque já me achava bem e saudável.

Alice — de quem já lhes falei —, ao despertar do sono, estava ao meu lado. Fiquei sabendo que a Evelyn estava trabalhando, mas que na primeira oportunidade viria ter comigo.

Saímos para dar uma volta naquele esplêndido jardim que circundava todo o hospital, com árvores frondosas e altivas e flores de um colorido inexplicável, com perfume também jamais sentido. Às vezes me faziam parar e respirar com profundidade, eu sentia minha alma lavada e leve.

Caminhamos um pouco mais e sentamos em um banco, fiquei, ali, instantes perdida em meus pensamentos. Já havia lido muito quando encarnada, mas a beleza verdadeira é difícil de ser descrita pelos livros.

Agora que enxergava em plano diferente da Terra eu avaliava tudo e todos.

Alice, despertando-me, disse-me:

— Suzette sinto que está bem, então levaremos você para sua nova morada. Você vai para uma escola onde se sentirá familiarizada, porque todas as irmãs que a freqüentam também tiveram desencarne parecido com o seu.

— Sim, Alice, estou pronta, podemos, ir quando quiseres.

Fui levada a um alojamento, onde, comigo, ficaram mais duas moças. Nosso quarto era bom, nada grandioso, mas simples e aconchegante. Havia três leitos, uma escrivaninha a um canto e uma confortável poltrona no outro. Um armário de três portas era o suficiente, nada tínhamos para acumular. Encontramos roupas limpas e perfumadas e tudo o que era necessário para permanecer ali.

No dia seguinte cedo, levantamo-nos e nos aprontamos para as aulas. Eu sentia um frio por dentro, como na primeira vez em que fui à aula aí na Terra.

Fiquei surpresa: o professor era de meia-idade; estudaríamos de tudo um pouco, principalmente a lei da evolução, ação e reação, aprenderíamos, assim, muito sobre a reencarnação.

Com o passar dos dias, logo me ambientei, mas me sentia triste, uma angústia dominava-me.

31.03.1992 – Um ano e 10 meses após o desencarne.

RECEBENDO AJUDA DE AMIGOS

Às vezes, estava sentada, distraía-me e sentia ouvir papai, mamãe, Alan, Suzely a chorar e a me chamar. Por vezes, me sentia como em transe; todos corriam, davam-me passes, se não conseguisse melhorar e me debatesse muito. Eu dormia com os passes e quando acordava me sentia bem.

Alice dizia-me para ter pensamento firme. Quando me sentisse assim, que orasse e vibrasse no bem. Porque se me entregasse à tristeza e aos lamentos dos meus eu entraria numa faixa vibratória que me conduziria de volta ao lar. E isso — dizia ela — não era bom, eu só deveria visitar os meus, quando me sentisse mais forte. A Evelyn havia me dito, quando da última vez que veio me visitar, que tudo faria para ajudar. Disse-me que falaria com seus pais para me darem ajuda. Confiei, orei e aceitei com fé minha condição atual.

Comecei a ter sonhos. Para ser bem exata, sonhara demais com a França. Eu acordava e aquela sensação forte de reconhecimento ficava em mim.

Comentei com Alice, e esta me falava com serenidade que estava me recordando de minhas vidas passadas e isso era muito natural na vida dos espíritos. Então lembrei-me de minha fascinação pela França assim como você amiga¹ que sente o mesmo em relação a este país. (Às vezes, nos esquecemos, mas, no fundo, sentimos saudades de nossas terras em vidas passadas.)

Foi aí que, como descrevi na mensagem anterior, pude receber autorização para ir ao prédio da Reencarnação e poder ser participada de minhas vidas anteriores. E constatei com clareza que tudo que passamos é *reação de ação* que comete-

1. Refere-se à médium

mos no passado. Por isso, temos que cuidar das nossas *ações* do presente, pois estas terão *reações* colhidas no futuro.

Então, fiquei um pouco mais tranqüila, mas ainda muito perturbada com todos vocês, da minha amada família, que, sofriam com nossa separação, que eu sabia ser momentânea: a vida é eterna, somos espíritos eternos, então, tudo é só questão de tempo.

Sentindo minha agonia interior, fui chamada pela direção da escola, já que pouco participava das aulas ministradas com tanto amor.

10.03.1992 — Um ano e 10 meses após o desencarne.

l. Refere-se à médium

O REENCONTRO

Entrando na sala onde era esperada, reencontrei Evelyn, Luis Sérgio, Alice e meu professor sentados a um canto da sala. A diretora dirigiu-se a mim com muita amabilidade, abraçou-me e com carinho conduziu-me até aos outros.

Senti-me corar, envergonhei-me de estar ali, meu coração acelerou. Perguntara a mim mesma o que foi que fizera ou deixei de fazer de errado...

— Não, querida irmã, nada fizeste ou deixaste de fazer — disse-me a diretora. — Estamos aqui unidos para ajudar-te, porque muito precisamos do teu trabalho e carinho. Mas, para isso, é preciso que te ajudes e não caias em depressão. Porque esta é um poço profundo de tristeza e lamentações.

Fiquei mais calma e continuei atenta ao que me diziam.

Foi quando Luiz Sérgio falou:

— Estamos aqui a pedido da nossa irmã Evelyn, para ajudá-la em seu tormento interior. Foi dada autorização para que você se afaste por ora das aulas que recebe e se dirija a Macaé, onde será encaminhada a um Centro Espírita e poderá deixar uma mensagem para os seus, podendo conforta-los e dar-lhes forças na caminhada que se segue.

Fiquei feliz... — Ah! Meu Deus será que sou merecedora de, em tão pouco tempo poder falar com os meus? — Pensei — Mas como aqui sempre pensamos alto, todos riram confortando-me com esperança e carinho.

Diante de todos pedi autorização à diretora para que eu comesse a enviar mensagem aos meus narrando o que descobri do meu passado. Achei que seria útil a explicação do passado, para que entendessem que o que aconteceu comigo foi necessário e que assim eu quis que fosse. Só assim me resignei de meus erros de vidas passadas e estou feliz, muito feliz agora.

Fiquei surpresa quando recebi a autorização, mas que no momento só se daria para a penúltima vida, que antecedia a esta última, vivida recentemente. Porque, por ora, era a que se fazia necessária para minha melhor compreensão. Fiquei feliz, senti-me renovar, saí dali muito confiante com meus amigos.

Eu e Alice seguimos juntas para o alojamento, peguei pouca coisa, mas, principalmente, minha caderneta de anotações, onde havia alguns dias vinha escrevendo alguns poemas e desabafos, mais tarde, terei a oportunidade de ditar-lhes alguns.

31.03.1992 — Um ano e 10 meses após o desencarne.

RETORNO À MINHA MACAÉ

Naquele dia, juntei-me aos outros, permanecemos em orações o resto do dia, após anoitecer, seguimos para a minha Macaé(RJ). Pela primeira vez, não usamos condução, volitamos, eu segurei nas mãos de Alice e esta me conduziu. De longe avistei a bela Colônia. A lua estava linda, iluminava nossa caminhada.

Seguimos diretamente ao Grupo Espírita Pedro, onde encarnados faziam estudos sobre mediunidade e médiuns. Fiquei satisfeita de rever pessoas que há muito não via, mesmo ainda quando encarnada.

Sentamos, esperamos que a reunião dos encarnados terminasse. Assim que esta terminou, os encarnados se despediram e partiram. Nós ficamos. Além de nós, havia muitos desencarnados. Muitos queriam fazer perguntas sobre as dúvidas que tinham. O mentor dirigiu-se à frente para elucidar todos os irmãos. Até eu obtive explicações de como deveria ser meu comportamento e procedimento na hora da comunicação. Como deveriam ser minhas idéias. Enfim, explicou-me como seria usado o meu aparelho telefônico. Mas como já estava melhor e feliz, gostando de escrever, ainda brinquei dizendo que preferiria que minha mensagem fosse transmitida através de telex.

O mentor, rindo meigamente, respondeu-me:

— Então assim será, querida, assim será.

Ali permanecemos o resto da noite, oramos, e logo fomos convocados pelo dirigente espiritual para ajudar-nos também. Dirigi-me prontamente com Alice para a enfermaria, onde seria sua ajudante para acordarmos aos poucos os muitos desencarnados que ali dormiam. Alice me explicou que estes estavam muito revoltados com sua situação, então a terapia do sono os deixava presos até o início das reuniões, onde tenta-

riam que estes fossem doutrinados com amor e seguissem com ele para o tratamento necessário à cura de seus muitos males.

Fiquei feliz de ajudar, começamos a ministrar-lhes passes e estes aos poucos iam saindo daquele estado letárgico.

Ah! Que felicidade poder lhes transmitir estas minhas impressões. O trabalho, mãe, é incessante mas muito gratificante.

Quero que com a bênção do Pai eu possa lhes contar tudo.

31.03.1992 — Um ano e 10 meses após desencarne.

AO AMANHECER: GRUPO ESPÍRITA PEDRO

Quando o sol estava próximo de despontar, o movimento era grande. Trabalhamos por toda noite adentrando a madrugada fresca. Tudo estava calmo e sereno. Havia muitos irmãos desencarnados à espera. Os mais rebeldes, anarquizadores, estavam presos numa espécie de campo mental. Alguns irmãos-segurança, assim os mantinham; meu senso crítico e curioso estava alerta, tudo observava.

O sol já vinha despontando com segurança, mas várias nuvens o impediam de brilhar livremente. Seu calor nos fazia bem e eu estava ansiosa.

O Grupo Espírita Pedro, olhado do lado espiritual, era um Pronto Socorro Espiritual. Muitos doentes aguardavam a vez para serem atendidos e medicados e, em sua maioria, não sabiam do seu estado atual de desencarnados.

A sala onde seria realizada a reunião mediúnicamente estava preparada. Havia um perfume agradável e suave. O ambiente apresentava-se de um tom violeta suave, convidativo, muito convidativo.

Alice pediu para que me sentasse na assistência junto a outros irmãos, estes pareciam bem equilibrados, assim como eu. Sentei-me e achei que deveria ficar em prece, afinal eu estava numa casa de orações. Baixei minha cabeça, fechei os olhos e permaneci assim muito tempo, entregue às minhas orações e lembranças que desfilavam em minha mente. Lembranças do passado, às vezes distantes, muito distantes. Por vezes um passado bem próximo dos acontecimentos que vinham se sucedendo atualmente. Alice já havia me explicado que as lembranças, à medida que fôssemos nos fortalecendo e nos sentindo mais amadurecidas, vinham surgindo bem claras, bem próximas.

Despertei daquele estado de transe em que me encontrava quando pude ouvir a dirigente do trabalho que estava chegando.¹ Cedo ainda, ela adentrou o ambiente, suspirou fundo, sentindo também toda aquela paz que pairava ali. Acomodou-se e pôs-se a orar. Fiquei feliz sem saber explicar e conseguir captar tão bela prece ditada mentalmente por ela. Logo a seguir, pegou um livro sobre mediunidade e começou a ditar-nos em voz alta e firme belos ensinamentos. Logo depois, aos poucos, os médiuns iam chegando. Interessante observar a romaria de espíritos que os acompanhavam. À medida que os médiuns iam chegando e tomando assento em seus lugares, os espíritos que os acompanhavam eram orientados a se sentarem na assistência e, assim como eu, esperavam. Os mais rebeldes e aqueles que quando deram por si já estavam na casa de oração tentavam fugir e os meus companheiros, juntamente com outros, muitos outros, os pegavam, faziam com que dormissem ou até mesmo os conquistaram com palavras de amor e consolo. Mas outros mais rápidos, e como conta muito o livre arbítrio, saíam e esperavam que os médiuns que saíssem e novamente os seguiam.

Aí, meus irmãos, é que me lembrei de muitos ensinamentos, como o principal deles: “*Orai e Vigiai*”. Porque orando estamos nos guardando e vigiando nossas palavras e conduta, estamos garantidos de força e energia para que não caiamos nas garras daqueles que por vezes confundem e atormentam as vidas dos seus semelhantes. Particularmente os médiuns que ficam à mercê dos irmãos ignorantes e necessitados. O mentor que nos acompanha, por vezes, se afasta sem nada poder fazer.

Quando todos os que participariam da reunião já estavam a postos para o trabalho, esta foi dada por iniciada.

07.04.1992 – Um ano e 10 meses após o desencarne.

1. Reunião mediúnica realizada toda 3ª feira pela manhã (desobsessão).

MINHA MENSAGEM – UMA ALEGRIA

Todos, numa corrente de amor, nos unimos com preces e carinho. Aqueles que se sentiam alheios a tudo, também eram contagiados com as vibrações de amor. Aos poucos um a um era chamado. Quando chegou a minha vez estremeci, meu coração bateu forte e acelerado, fiquei trêmula e gelada. Quando cheguei mais perto da médium eu a reconheci e fiquei feliz de me sentir familiarizada com tudo e com todos.

Com Alice ao meu lado, senti algo como um choque elétrico. Eram as minhas energias que quando próximas das da médium provocavam uma grande descarga.

Eu vi tudo ficar em faíscas ao meu redor. Não senti medo, Alice estava ao meu lado. E me pedia para que eu respirasse fundo e mantivesse o meu equilíbrio.

A médium fazia tudo o que eu fazia. Esta ficou ofegante, gelada, dormente com o choque de energias e trêmula, muito trêmula. Alice me pediu para que começasse a transmitir a mensagem.

A médium me via, ouvia e tinha dúvidas. Seu mentor pediu para que pegasse a caneta e escrevesse o meu recado. A médium relutou. Com grande dificuldade, começou a escrever o que, mentalmente, lhe ditava. Incrível, era como se eu colocasse uma fita em sua mente (que era o gravador) pois com muita clareza recebia a mensagem e a transcrevia para o papel. Eu estava feliz, mal conseguia firmar-me, Alice me amparava e confortava-me, dando-me forças para prosseguir. Foi com grande emoção que lhe ditei o que desejava.

Fiquei ansiosa, pois a hora passava depressa e ainda muito queria lhes falar. Emocionei-me quando vi estar encerrado o trabalho daquela manhã bendita. Chorei e Alice me afastou da médium, amiga e sincera, e esta, muito sensível e também

emocionada até as lágrimas, fazia sua oração de agradecimento e encerramento.

Equilibrei-me um pouco mais, respirei fundo e cheguei pertinho, abracei-a e agradei-lhe a oportunidade. Transmiti-lhe pensamentos de paz. Ela acalmou-se um pouco mais e todos cantaram de mãos dadas o hino da Colônia.

Nós fizemos uma grande roda logo atrás e também cantamos de mãos dadas.

Todos nós desencarnados sentimo-nos leves. Que sensação boa! Fiquei a orar sem parar, não como uma máquina. Meu coração, transbordando de felicidade estava.

Alice aproximou-se e me pediu para que a ajudasse. Além dos muitos que estavam ali, outros chegaram e também precisavam de ajuda. Fomos juntas à enfermaria, e em cada leito que aproximamo-nos eu trabalhava com amor, muito amor. Eu sentia que muito tinha que ajudar, porque muito eu estava sendo ajudada.

Ali permanecemos por várias horas; quando a noite já ia chegando é que conseguimos orar agradecidos de podermos estar ajudando.

Paz a todos e obrigada.

Que Deus os ampare.

07.04.1992 – Mensagem recebida um ano e 10 meses após o desencarne.

RETORNO À COLÔNIA

De volta à espiritualidade eu estava com o meu coração transbordando de felicidade. Uma paz indescritível tomou conta do meu ser, meu coração palpitava feliz... Segui meus companheiros; alegre e feliz, cantava. Cantava o mais alto que eu podia cantar. Queria que o mundo todo me ouvisse e pudesse desfrutar de tanta paz. Meu Deus! Como é bom ajudar para sermos ajudados.

É verdade, dar não é nada, mediante tudo que recebemos de retorno. É gratificante doar sem nada pedir... Doar sempre e amar a tudo e todos que nos circundam e nos amam.

Deixemo-nos amar e supomos ser amados.

Retornei ao meu alojamento, revendo minhas companheiras.

Eu estava feliz, mas meu peito doía quando mais uma vez retornara à escola para os estudos. Sentia-me egoísta de estar ali, recebendo tanto e tantos precisando de minha pequena parcela de ajuda.

Naquele dia assistia às aulas, mas estava longe, muito longe...

Quando saí, resolvi procurar Alice e lhe pedir ajuda. Ela me recebeu alegremente e por uns instantes tive a sensação de que me aguardava.

Fui diretamente ao assunto:

– Alice, minha boa amiga, o que posso ou devo fazer para acompanhá-la na caravana para trabalhos tão edificantes como o de ontem?

– Basta querer, minha irmã. Basta querer... – Respondeu-me carinhosamente.

– Então, eu quero, quero muito.

Sáimos juntas para estarmos, novamente, com a Diretora. Mas como sempre, eu me esquecera de que todos sabiam o que pensávamos.

Chegando, encontrei-me com outros da caravana. A Evelyn, o Carlos, o Luiz Sérgio e outros, sobre os quais não me é permitido falar-lhes ainda.

Fiquei feliz, afinal eles também contavam com minha presença para ajudá-los. Abracei a Evelyn e lhe disse como estava feliz e quão nobre era seu trabalho junto a nós, mães desencarnadas recentemente (digo nós porque juntamente comigo encontravam-se outras irmãs em situações parecidas). Como tudo já estava preparado, silencieei-me, só ouvi com atenção tudo o que a nobre dirigente nos relatava sobre nosso novo trabalho na Terra dos encarnados.

Aprendi muito neste dia. Aprendi principalmente sobre o *livre arbítrio*. Aqui também somos amparados e guiados quais aos filhos pequeninos, com seus pais a lhes orientar os passos no bem e na verdade. Mas o livre arbítrio é de todos, tanto encarnados como desencarnados. Ninguém, absolutamente, é amarrado e obrigado a seguir o caminho do bem. Não, meus irmãos! Temos à nossa frente uma estrada a percorrer. Nosso livre arbítrio é que falará mais alto. Isso, meus irmãos, dependerá somente de nós. Felizes os que escolhem uma conduta cristã.

Assim, escolhi o meu caminho. Todos, queridos irmãos, todos podem agir assim desta forma, encarnados e desencarnados.

O livre arbítrio meus irmãos é a vontade que está em cada um de nós.

- Peço, meus irmãos, que sigam os conselhos do Bom Mestre: "Orai e Vigiai sempre".

28.04.1992 — Um ano e 11 meses após o desencarne.

A CARAVANA ACOLHEDORA

Meus irmãos, passei a fazer parte de uma caravana bondosa e acolhedora de ajuda a seus irmãos desamparados e sofridos. Há muito trabalho, luta e perseverança sempre. Aqui, o que nos dá força é a bênção do Divino Mestre.

Seguindo o grupo bondoso, instalei-me, juntamente com outros, num hospital de crianças órfãs e doentes. A Evelyn, que já estava inteirada no trabalho ali, muito me ajudou, porque, por vezes, eu me abatia, imaginando se cada pequenino ali fosse uma das minhas. Mas, com trabalho e fé no Pai Bondoso, aprendi a aceitar e conviver com a idéia de perda que até então eu não conseguia vencer.

Por isso, mãe, é especialmente a ti que falo neste momento. Esta foi a prova mais dura que tive de suportar quando aqui cheguei. Tive que aprender a conviver com a minha própria dor e, com isso, pude amenizar e ajudar a cicatrização de minha ferida tão grande e profunda.

É, mãe, juntas, temos cada qual com a sua tarefa.

Agora, sei e percebo com clareza que somos todos irmãos, que se devem ajudar e, então, este elo estará solidificado para sempre entre nós.

28.04.1992 — Um ano e 11 meses após o desencarne.

NOVAS TAREFAS : CRECHE “LAR DE MARIA”

Na Pátria Espiritual, minha nova tarefa foi executada de coração aberto, desejosa de trabalho. Instalamo-nos na creche “Lar de Maria”. Fomos recebidos com alegria pelo grupo que, lá, já se encontrava instalado.

Quando entrei, meu coração palpitava de alegria. Mal conseguia respirar, estava ofegante e ansiosa. A vida da gente dá voltas que só Deus sabe. Quantas vezes vim para ensinar. Passava tardes inteiras na companhia daquelas crianças e, agora, estou de volta para o mesmo tipo de trabalho, só que desencarnada.

É incrível, a vida não pára nunca.

Reunimo-nos no grande refeitório, acomodamo-nos e esperamos que o nosso mentor nos orientasse.

Fizemos uma breve oração e, tomando da palavra, nosso amigo Carlos nos explicou que o grupo se dividiria. Eu e outros irmãos que tínhamos chegado ali naquele momento, assumiríamos o trabalho. Trabalharíamos num turno de 12 horas, sendo substituídos por outro grupo que chegaria ao local. Então, nas outras 12 horas, nos dirigiríamos aos Centros Espíritas para darmos assistência aos espíritos que lá chegavam precisando de doutrina, apoio e conforto.

Pensei:

— O trabalho aqui é duro — Ah! Meu Deus, dai-me força para não esmorecer.

— Não, querida — disse-me Alice — no trabalho do bem jamais esmorecemos ou nos cansamos.

Juntamo-nos com o grupo que ali estava e nos pusemos a trabalhar.

Na primeira hora do dia, cuidávamos dos alimentos e de sua higiene. Preparávamos o alimento para que, ao ser usado,

estivesse sem contaminações e não fosse objeto de doenças para aquelas crianças. Quando as cozinheiras chegavam para a tarefa diária, nós continuávamos ao redor, ajudando e orientando na preparação do alimento.

— Que coisa linda! Os alimentos dessas crianças são abençoados pelo Pai. Como é grande a tarefa de se conservarem os alimentos, que por vezes são tão escassos. Mas, com jeitinho, eles rendem, rendem muito.

Quando, na cozinha, já estava tudo sobre controle, dirigimo-nos aos pátios e às salas para, junto com as orientadoras, de alguma forma ajudá-los.

Quando caminhava um pouco longe dos outros, pelo pátio, vi a Rosa sentada a um canto, tristonha.

— Ah! Que bom revê-la Rosa, você continua a mesma.

Esta, sem me ver, pressentiu-me, levantou a cabeça e sorriu.

Fiquei feliz. Sentei-me ao seu lado, acariciei seus cabelos e lhe pedi que se levantasse e fosse fazer suas tarefas. Sua tristeza não tinha fundamentos. Levantou-se e seguiu. Deu uma volta pelo pátio à procura de algum pequenino perdido e foi para dentro.

Eu, sentada ali, fiquei agradecida de poder ajudar. Ah! Meu Deus como eu queria que todos sentissem o que eu senti naquele momento feliz. Ser mais uma vez útil, muito útil.

Acompanhei os outros irmãos do grupo e pudemos perceber que várias crianças ali sofriam terrivelmente.

19.05.1992 — Um ano, 11 meses e 22 dias após o desencarne.

A MENINA SOFREDORA

Agora, atentei para uma pequena de seus cinco anos. Tinha ela sobre sua cabeça, forte nuvem cinzenta que pesava sobre todo o seu ser. Ela era muito triste e séria. Tentava estudar, entender o que lhe era ensinado. Era como se estivesse alienada de tudo e de todos. Chegamos mais perto. O irmão que nos orientava pediu para que mentalizássemos fervorosa prece e que levantássemos nossas mãos sobre a cabecinha dessa irmãzinha para que lhe fosse aplicado um passe magnético.

Éramos, naquele momento, seis; juntamo-nos e fizemos o que nos foi pedido.

Fechei os olhos e, de repente, eu estava participando da vida, em casa daquela pequenina.

Quando ela chegava em casa, começava o seu calvário. Tinha que arrumar a casa, fazer algo para seus pais comerem e olhar uma menor de meses ainda. Sua mãe e seu pai, sentavam-se no bar ao lado e se punham a beber. Quando iam para casa, já tarde, estavam embriagados e muitos irmãos das trevas os acompanhavam, tornando, assim, o ambiente insuportável. O bebê chorava muito e a menina, um pouco maior, mas muito criança, tinha o compromisso de tomar conta do bebê para que este não irritasse seus pais. A revolta neste caso seria pior e eles espancariam as duas pobres crianças. Na maior, as cicatrizes da violência já eram visíveis em seu corpinho frágil e indefeso.

Quando abri os olhos, ela já estava melhor, seus olhinhos brilhavam, um pequeno sorriso se abria em seus pequeninos lábios. Mas, uma tristeza abateu-me de imediato. Senti meu peito doer. Afinal, sempre achamos que temos um enorme problema, mas o desta criança era imenso. Pedi perdão ao Pai pela minha imperfeição e pedi-lhe que, de alguma forma, eu

pudesse ajudar aquela pequena criatura indefesa, a ela e aos seus, a quem tanto amava.

Meus amigos chegaram até mim, auxiliando-me a caminhar. Todos, ali, também participaram da mesma triste cena.

Nosso orientador nos explicou que todos os dias, quando aquela criança chegava ali, era feito, da mesma forma, o passe, para que ela pudesse produzir e se sentir menos angustiada durante o dia, pois sua noite era sempre muito angustiante. E que aquela criança, após um final de semana com os pais, retornava muito pior. E que já haviam tentado se aproximar dos pais e orientá-los, mas em vão, porque não podemos mudar ou nada impor às criaturas. Cada um tem o seu livre arbítrio. Eles estavam jogando fora a oportunidade que tinham de trabalhar e crescer moral e espiritualmente.

Eu me prontifiquei a seguir aquela criança ao lar, todos os dias, para tentar ajudar, valendo-me do pouco que já tinha aprendido nos livros, quando encarnada. E, agora, mais poderei fazer graças às novas experiências como desencarnada.

Nosso orientador permitiu que fôssemos todos juntos, mais uma vez, tentar ajudar.

E assim, quando terminado o turno de trabalho, dirigimo-nos ao seu lar juntamente com ambas (mãe e filha). Nesse dia deixamos de ir à Casa Espírita, porque já tínhamos uma árdua tarefa a cumprir.

Fomos orando ao lado daquelas irmãs. Quando nos aproximávamos do seu lar, no bar da esquina em que ela era assídua freqüentadora, estava seu marido, sentado, tomando seus primeiros goles. Nosso orientador pediu para que mantivéssemos o pensamento firme, e que nossa faixa vibratória permanecesse acesa. Alguns passos mais e, de repente, vários irmãozinhos trevosos avistaram a pobre criatura, correram a abraçá-la, procurando levá-la ao bar para juntar-se a eles no copo de bebida.

Nós, rapidamente, fizemos um círculo de mãos dadas em torno das duas, evitando assim qualquer aproximação. Os ir-

mãozinhos ao se aproximarem correndo, eram atirados longe como se batessem numa cerca de descarga elétrica.

Eles correram delas então; ao contrário do que tentaram instantes atrás.

Pude até perceber quando um deles falou alto e irritado:

– “Corram, corram, ela hoje vem acompanhada do Demônio. Deixem ela hoje. As coisas não estão nada boas para ela. Deve ter sido um dia difícil.”

Eu tive vontade de rir das asneiras que aquele pobre coitado vomitava, sem se dar conta da sua situação, tão deplorável. Mais uma vez, fomos chamados à responsabilidade e que não deixássemos que a corrente formada fosse de maneira alguma quebrada.

Pude perceber, com detalhes, que a corrente que formávamos era sólida como pedra, de energias faiscantes. Lindo mesmo. Era de um colorido abrasador. Indescritível mesmo. Nesta hora em que formávamos tão bela corrente, levitávamos ou voávamos, era lindo, maravilhoso. Uma experiência marcante.

Aproximamo-nos da casa humilde. Passamos pelo bar e ela nem percebeu. Fizemos, também, com que seu marido não a avistasse.

Quando chegamos perto do casebre humilde, que estava de portas abertas, o bebê chorava no berço e, junto, uma senhora estava abaixada e chorosa. Pudemos perceber que ela orava. Pedia ao Pai proteção para suas pequenas netas.

Entramos, juntamente com a mãe. Fizemos com que percebesse que tinha um bebê e que tinha que alimentá-lo e cuidar dele.

Ela correu ao berço e pegou sua pequenina nos braços. Abraçou-a e beijou-lhe muito sua fronte. Sua irmãzinha, que estava ao lado, chorava com muito medo de apanhar.

Permanecemos ali. Dois do nosso grupo fizeram forte corrente na porta de entrada para que ali ninguém adentrasse.

A pobre senhora, que ali encontramos, permanecia de cabeça baixa, orando. Levantou-se e ao olhar sua filha tratando

com carinho suas netas, ficou emocionada. Abraçou sua filha e agradeceu ao Pai a ajuda, o socorro que estava chegando.

Ela não percebia o nosso grupo ali presente.

Nosso irmão orientador pediu-nos para não desviar o pensamento do bem, porque aquilo que estava acontecendo ali era bom, mas não seria permanente se não nos mantivéssemos firmes em nossos pensamentos, pois o pior trabalho ainda estava por chegar. Era o de amenizar o chefe da família e com quem ele vinha para o lar.

19.05.1992 — Um ano, 11 meses e 14 dias após o desencarne.

O RETORNO DO CHEFE DO LAR

Quando a noite já ia alta, lá pelas 23 h, o chefe daquele lar retornou. As pequeninas dormiam tranqüilas. A casa estava aseada, a cama do casal bem arrumada e limpa. O alimento humilde exalava um perfume gostoso. Nosso irmão chegou, acompanhavam-no pelo menos meia-dúzia de irmãos esbravejantes, tontos e irritados. Quando ele entrou, ficou meio tonto, como não a reconhecer o seu próprio lar. Sua esposa, receosa, nem se moveu, nada falou, na expectativa, esperava que seu marido se aproximasse. Sua boa mãe, bem pertinho para defendê-la, orava fervorosa prece em voz branda e suave. Sua filha mentalmente também orava e pedia que Jesus Cristo a ajudasse e amparasse.

Os amigos que o acompanhavam não conseguiam penetrar o ambiente que, diferente das outras vezes, estava com muita luz, cheirava bem e tinha algo muito diferente que eles não entendiam, mas não os deixava penetrar. Nossa corrente nesse momento ficou mais forte ainda. Mais atrás daqueles irmãos sofredores e perdidos, se encontrava um grupo de jovens que também fazia o mesmo trabalho que nós. Fazem serviço em bares, cortiços, bordéis, de lá tirando muitos jovens que, mesmo após o desligamento do corpo físico, continuam naquela vida de drogas, bebidas e assaltos. São chamados de *guardiães da noite*, como policiais, só que *policiais do além*. Este grupo se juntou ao nosso. Foram levados, por livre e espontânea vontade, dois jovens rebeldes e chorosos, carentes de amor e carinho. Carentes de um lar e amigos. Os outros, com medo, correram e fugiram, jurando nunca mais voltar por estas redondezas. Lá dentro, o nosso irmão não tivera forças nem para falar. Com nossos passes, ele sentiu um grande torpor, deitou-se e dormiu profundamente. Seu perispírito, muito aniquilado, foi, por toda noite, cuidado com remédios trazidos por nossos

irmãos que, na Terra foram médicos. Colocaram-lhe uma espécie de desintoxicador e lhe retiraram todo o álcool do organismo. Na manhã seguinte, ele acordou bem, não como de costume. De nada queria lembrar-se, mas mesmo que quisesse não conseguiria.

Olhou sua esposa com mais carinho, beijou suas filhas e meditou por alguns instantes, sobre o porquê de sua vida ter tomado um rumo tão triste e incerto. Ajudou sua esposa a arrumar as pequenas, alimentá-las e levá-las à creche. Como tudo estava indo bem, acreditei e amei profundamente aquele momento. Fomos seguindo seus passos. Decepção! Ao avistar o bar, correu e tomou um gole, para tristeza de todos nós que estávamos empenhados em ajudar. Mas não desanimamos, seguimos o casal e fomos mais adiante. Deixamos as meninas na creche. Sua mãe em seu trabalho de doméstica num lar de muita luz. E seguimos aquele irmão, que, sem emprego, não poderia fazer como de costume, encostar-se no primeiro boteco que avistasse e ali passar o dia. Nós o intuimos a sair e procurar um emprego. Ele andou por toda a manhã, só parando ao chegar a um lar para pedir emprego de jardineiro. Nesse lar, bondosa senhora ofereceu-lhe um prato de comida. Comeu com prazer, fortalecendo-se para mais uma tarde de andanças e desventuras.

Guiamos seus passos por mais um tempo imenso por caminhos sem bares ou botequins. Quando a noite caiu, deram-lhe um remédio. Começando a sentir forte dor no corpo, moleza nas pernas e uma forte vontade de voltar ao lar mais cedo. Fomos com ele até sua casa. Chegando, reclamou para a esposa que estava com muita dor no corpo e se sentindo muito doente. Ela lhe deu de comer e, mais uma vez, pôs-se a orar. Com passes, fizemos seu marido dormir, mais uma vez, profundamente. Na segunda noite, o lar já se encontrava mais ameno. Nessa noite, também foi permitido que aquela bondosa senhora nos visse e se aproximasse; conversamos muito e ela, agradecida, pediu-nos para que a deixássemos ajudar também.

Juntou-se ao nosso grupo, na promessa de mais tarde deixar o lar de sua filha e seguir conosco. Assim, ficou tudo acertado, e ela, agradecida, chorava muito. Assim permanecemos fazendo este serviço por 30 dias consecutivos. Ao término do trabalho, que foi incessante, mas muito gratificante, nosso irmão conseguiu um trabalho numa padaria próxima ao seu lar. Tinha que pegar à meia-noite e largar às sete horas da manhã. Trabalhava bastante e voltava para o lar com o pão e o leite das crianças e dormia satisfeito por toda a manhã. À tarde fazia biscates de jardineiro, digo fazia, porque não faz muito tempo (mais ou menos dois meses, março/92) este irmão desencarnou, deixando assim, com seu trabalho, uma pequena pensão para a viúva. Ele conseguiu, assim, libertar-se do corpo físico e aceitar que nos acompanhasse a uma estância de recuperação e tratamento.

Bem, meus queridos, com que felicidade eu lhes dou este relato do meu primeiro trabalho.

O trabalho, quando feito com muito amor e desprendimento, nos deixa bem, muito bem. Com uma paz indescritível... Ah! Eu tenho tantas coisas para lhes falar. Tenho tanta experiência nova a relatar para todos vocês. Mas o tempo nos ajudará e, juntos, conseguiremos.

26.05.1992 – Um ano, 11 meses e 23 dias após o desencarne.

MINHA VIDA ANTERIOR

Minha história começa numa linda fazenda, há muitos séculos atrás, quando morava num lindo castelo. Eu era uma filha de nobres: meus pais eram duques.

Tinha apenas 15 anos, quando meu pai chegou-se a mim e me anunciou que já escolhera meu pretendente: um jovem nobre também, de uma fazenda não muito distante. Como eu, ele se sentira acuado e obrigado a aceitar tal situação. Fomos apresentados e, como era de se esperar, nos sentimos muito infelizes. Ele deixara para trás uma jovem que o amava verdadeiramente. E eu, que desde a minha infância, sonhara com o amigo sincero que partilhara comigo tantas aventuras, naquelas belas colinas da França, onde tudo era um convite para a paz e o amor verdadeiro. Esse jovem, que me dedicava afetuoso carinho, ficou desesperado, tanto quanto eu, com aquela notícia.

Pedi, rezei, implorei a meu pai que me poupasse de tamanho sofrimento, pois minha alma seria infeliz para o resto da minha vida terrena.

De nada valeu tanta súplica. Meu pai era um nobre rigoroso, o que ele dizia era lei. A minha pobre mãe, coitada, tinha de acatá-lo, sempre cabisbaixa e humilde. Ela se sentia a mulher mais infeliz da Terra, que, como eu, fora obrigada a se casar com um homem que ela também não *amava*, com apenas 13 anos de idade. Uma pobre criança assustada, assim como eu.

Pensei em fugir, em me matar, mas não tinha forças para isso.

Eu fiz o que julgo que muitas fariam: entreguei-me àquele amor que eu sabia ser o verdadeiro amor para mim. Desse ato de amor, fiquei esperando o *fruto* que veio para fazer-me sofrer muito mais do que estava sofrendo. Não me digam que eu era uma pobre criança inocente, porque não era. Era sim, sofrida e infeliz, prestes a me casar com aquele que meu pai escolhera.

Não exitei em lhe contar que estava esperando um bebê do homem que eu verdadeiramente amava. Infeliz fui eu de lhe contar, adiaram a data por mim tão odiada, inventaram para todos que eu era portadora de uma grave doença nos pulmões, que naquela época ainda não tinha sequer nome, muito menos cura. Mandaram-me para uma pequena aldeia no interior, dizendo a todos que me curaria e voltaria para cumprir aquele negócio, tão esperado por meu pai. Naquela época, o casamento era um negócio, onde duas pessoas inocentes pagavam com a vida e a felicidade para cumprir.

Minha mãe e eu ficamos, exatamente, um ano e seis meses naquela aldeia, onde tive um lindo bebê: era menino. Fiquei o tempo exato para voltar ao meu corpo, magra e infeliz.

Não sei o que houve com aquela linda criança, só sei que depois que lhe dei a vida, nunca mais a vi. Minha mãe, pobre coitada, cumpriu à risca o que meu pai lhe ordenara. Ela disse que havia dado a criança e que não sabia do seu paradeiro. Aquele pobre e infeliz bebê não teve, sequer, a sorte de sentir o calor materno e nem eu o dele.

Voltamos para a casa de meu pai e este, irredutível em sua posição, fez com que acontecessem, logo, as tão odiosas comemorações de casamento. Fui levada para meu campo de tortura, pois viver o resto da vida com outra pessoa que também não me amava, era uma verdadeira tortura e a cada hora, cada dia, cada mês que se passava, eu me sentia morrer, me acabar. Entreguei-me ao desgosto com tanta força, que eu estava me matando e não sabia. Isto era uma forma de suicídio e eu não ligava o mínimo. Cada vez que me sentia estranha e me encontrava a carregar novamente um ser em meu ventre, eu o matava de ódio e de horror. Pensava eu: não pude ficar com o verdadeiro fruto do meu amor, não ficaria com outro ser qualquer que não amava.

E, assim, meus irmãos, matei tantas crianças quantas vieram ao meu ser. Não sabia o mal que fazia a mim mesma para o futuro. Futuro sim, não importa quão distante, não importa

quantos séculos se passariam para eu sofrer e resgatar tudo aquilo que fizera no passado, na ignorância, é certo. Fiz e tinha que, como todo pecador, como todo criminoso, pagar pelo meu erro, pelo meu infeliz pecado, o de não ter aceitado aquele que a vida me impôs, como companheiro, que como eu sofrera muito, mas sempre resignado e carinhoso para comigo, sempre perdoando um simples olhar meu de ódio, ou de desprezo que lhe lançava.

Irmãos, relatei-lhes estes fatos distantes para que possam entender e refletir sobre o que hei de contar agora, e que resultou nos sofrimentos da minha última encarnação.

Agora, irmãos, fico, assim, um pouco nervosa e angustiada, porque sofro tudo que hei de dizer-lhes nestas poucas linhas. Tudo o que lhes relatei até agora foi-me esclarecido na espiritualidade para que eu pudesse entender o que houve comigo agora. Para que eu pudesse entender por que este desencarne assim, tão de repente e tão triste para mim como para os meus pobres pais, irmãos, amigos e parentes.

Assim, digo-lhes agora tudo que passei na Terra. Não sabia que tudo era reflexo do passado. Sinto minha irmã médium um pouco tensa, mas se não conseguir hoje, continuo na próxima se assim o bom Mestre permitir.

Na última encarnação, tive a felicidade de compartilhar, com muito amor, da companhia de meus tão amados pais e irmãos, apesar de todo sofrimento do meu pobre irmão doente.² Seu espírito tudo sentia e via o carinho e amor que lhe dedicavam.

Mãe querida, tu foste aquela que, no passado, não tiveste a força e a coragem de me ajudar, mas não te lamentes porque também tinhas que passar por tudo. Mãe, hoje tão minha amiga, tão próxima, sofres junto a mim como no passado, mas não te sintas culpada, não te sintas derrotada e faze-te forte para cuidar e encaminhar, com fé e força, essa criança que, no passado, abandonaste como eu, e não tiveste a força necessária,

2. O irmão mais novo da Suzette, que fez tratamento neurológico.

para criar. Mais tarde, em meu relato, hei de contar o que se deu com ele.

03.07.1990 — Um mês e um dia após o desencarne da Suzette.

Obs: Esta mensagem é um relato da encarnação anterior a última, para bálsamo dos familiares, e compreensão da Lei de Causa e Efeito.

SINTO A DOR DA PERDA DE TODOS VOCÊS...

Mãezinha querida, não tenhas tanta dor em teu peito. Olha para estas meninas,¹ olha que alegria que elas nos transmitem e tem força, mãezinha, porque sei o que sentes, pois estou sentindo o mesmo. Agradeço ao meu Bom Pai por ter me dado mais esta oportunidade.

Paizinho, tem paciência pai, porque estas sempre foram tuas maiores virtudes: calma e paciência. Apesar de tantos remédios, de tantas confusões em tua cabecinha, eu te entendo, pai. Não sofras tanto. Sei que ao ler estas palavras, duvidarás, mas sei também que sentes que eu não fui para sempre. Sei que sentes que estou viva de algum modo, mesmo que seja só dentro de ti, mas sei que sente.

Não posso confortá-los tanto porque ainda preciso muito de conforto. A dor que sinto, garanto, pai, mãe e queridos irmãos, querido Alan, queridas filhas, é bem maior do que a de todos, porque sinto a dor da perda de todos vocês, e vocês só a minha. No caso da mamãe, sei que ela sente a falta da vovó também. Mas sei que ela está, ainda muito confusa, por isso, está num hospital, dormindo a maior parte do tempo até que esteja preparada para enfrentar a sua realidade e compreender que houve o desencarne. Mas sei que com a ajuda dos bons irmãos que aqui a ampararam ela *sobreviverá* ao choque. Falo sobreviverá porque bem sabes mãezinha que ela não entende da mesma forma que eu.²

1. Suas duas filhinhas. A mais nova nascida do parto que provocou o retorno de sua mamãe à espiritualidade.

2. Refere-se à avó paterna que era crente batista, desencarnou 12 dias após o desencarne de Suzette, tendo sido ajudada por Suzette e outros amigos do seu grupo.

Meu querido irmãozinho, você que hoje se vê nesta triste situação, sem poder se comunicar, sem poder nos dizer o que sente, mas que tudo entende, não sofra tanto, porque você foi aquele que me aprisionou nesse cárcere triste e horrível, ao me obrigar a me casar sem querer. Agora, pobre espírito, sei por que o *amo* tanto também. Você foi meu pobre pai ganancioso e amargo, que fez sofrer tanto sua pobre e única filha. Agora, sofre o que sofri: a prisão, a falta de amparo, que você não me deu. Refletiu agora no presente, doente e alforriado por mim e por minha querida mãe, que no passado tanto sofreu.

Pai, querido pai, foste aquele que me aceitou como eu era e me aceita até hoje.

Estou triste porque sei que não deveria estar. Estou sendo muito amparada por uma jovem que como eu sofreu a dor de ter que se separar de todos aqueles que amavam muito. Ela me dá força, me dá coragem e me ajuda muito, trazendo-me aqui, deixando-me desabafar, assim como já fez um dia, porque o desabafo ajuda muito na nossa partida. A Evelyn muito me ajuda, ela sabe que ainda estou muito frágil, apesar de muito ter estudado, apesar de muito crer; a dor *dói*, a separação é a pior dor que alguém pode ter. A saudade *dói* demais, mas eu superarei, tenho certeza.

Meu filho, que abandonei um dia, está agora entre nós mãezinha, só que não tenho permissão, ainda, de dizer-te quem é.

09.07.1990 — Um mês e sete dias após o desencarne de Suzette.

A CADA DIA QUE PASSA, MAIS FORTE

Estou a cada dia que passa mais forte, mais crente na força maior, porque já disse, estudei, acreditei, mas o desencarne é uma coisa muito difícil.

Estou bem hoje. Quem teve o prazer de me acompanhar foi o nosso já conhecido e bondoso irmão Luiz Carlos. Não me foi permitido, desta vez, prolongar certos conhecimentos que recebi da última palestra a que assisti.

Venho falar à minha mãezinha, ao meu querido e amado pai, e principalmente, à minha querida irmã, que se sente tão frágil, tão insegura. Não se sinta assim, porque estou bem. Tenha força, fé, ilumine-se no olhar tão terno deste ser pequenino. Transmita-me força e não se sinta assim tão frágil.

Mãe, não posso confortar-te porque ainda sinto a mesma coisa que sentes. Sinto tanta saudade quanto tu. Mas tenho tido força bastante para ter a certeza de que um dia conseguirei ter força o suficiente para ajudar tanto quanto sou ajudada.

Hoje soube que a vovó está começando a enfrentar bem a sua situação. Ela precisa, mãe, de muitas preces, porque ainda crê que está encarnada em algum hospital terreno. Mas, com a ajuda de nossos bons irmãos, sei que ela conseguirá, porque apesar de tudo, ela muito crê no nosso Bom Pai.

Alan, tenha forças, meu querido, tenha forças para cuidar bem de nossos pequenos filhotes. Eu, com o coração cheio de dor e de lágrimas, estou superando, por vocês. Então meu bom e querido Alan, tenha força, tenha paciência. Ame estas pequenas criaturas, como a mim mesma. Porque o pobre desse pequeno espírito já sofre a ausência da figura materna. Não o culpe, já estava escrito. Nada sofri, garanto, só sofro a dor da separação, porque carrego no peito profundo amor e carinho por vocês. Alan, tenha muito amor, faça de você dois: eu e você

numa só pessoa para poder ajudá-las na longa caminhada que há de vir.

Suzely, força. Mamãe, a paz esteja contigo, querida, que tens estas pequeninas flores para ajudar a desabrochar. Então, caminha, não pares.

Em outra oportunidade espero poder vir a ter com todos, porque eu muito os amo. Fui orientada a me afastar por um bom tempo, para que mais rapidamente possa me recuperar.

Querida Lety,¹ bem sabe que estou bem, porque você me ajudou muito em minha caminhada terrena, ensinando-me a amar e a fazer a caridade pura. Obrigada por tão fervorosas preces, que chegam a mim como um bálsamo de paz, de carinho; muito me alivia o coração quando as recebo. Obrigada por tudo sempre.

10.07.1990 — Um mês e oito dias após o desencarne de Suzette.

1. Dirigente da Mocidade Espírita do Centro Espírita Vicente de Paulo-Macaé-RJ, onde Suzette freqüentava, a princípio na mocidade, e mais tarde nas reuniões mediúnicas.

A ESPIRITUALIDADE É LINDA

Mãezinha, paizinho, não quero que se consolem com a tristeza alheia, só lhes peço, queridos, que saiam da tristeza que os envolve e olhem pelo menos para o lado, mas se tiverem um pouco mais de paciência, que olhem para trás ou até para um pouco mais longe, saindo deste lindo país e se confraternizando e orando para tantos que desencarnam todos os dias neste nosso pobre planeta.

Mãezinha, a sensação que tenho aqui é que em um dia, passam-se muitos, porque aqui vivemos imensamente. Mãezinha, ainda não consigo explicar bem, mas é como se aqui não houvesse o tempo, aqui nos controlamos com o trabalho e preces e nunca temos o tempo a nos governar. Por isso mãe, agora entendo quantas vezes no Centro Vicente de Paulo,¹ ouvi espíritos dizerem que estavam há milhares de anos na espiritualidade e eu não conseguia entender porque tanto tempo se passara e aqueles irmãozinhos ainda sentiam fortemente a dor dos seus desencarnes.

Mãezinha, paizinho, não lhes digo isso tudo por eu já me achar muito forte, não, mãe, ainda sinto muito, mas muito mesmo, a separação de vocês, das minhas filhas, do meu Alan mas, mãe estou me esforçando e peço a vocês que também se esforcem.

Mãezinha, cada suspiro seu, cada pensamento, cada lágrima é como se houvesse um punhal me apunhalando.

Mãe, fui levada a passar uns dias em um imenso orfanato terreno. Mãe, quantas crianças abandonadas por mãe, pai, sem ninguém mesmo (eu digo abandonadas pelos seus familiares), porque nós (eu falo nós porque

1. Centro Espirita Vicente de Paulo-Macaé-RJ, onde Suzette freqüentava reunião de desenvolvimento mediúnico desde o ano de 1979.

fomos trazidos com inúmeros outros espíritos que, assim como eu, precisavam de uma grande lição de amor). Vimos como a espiritualidade é linda, e como trabalha, mãe. E aquelas crianças são muito bem cuidadas por pessoas que a elas se dedicam com muito amor e carinho; pessoas, também, que têm problemas, famílias, doenças, perdas familiares, mas se dedicam um pouco a *amenizar* a dor alheia, para que assim consigam resolver seus próprios problemas.

Mãezinha, quando encarnados, não sentimos como essas crianças sofrem; achamos somente que precisam ser alimentadas, terem cama e um teto. Mas, mãe, nos esquecemos, principalmente que todos nós, indistintamente, precisamos de amor, de carinho e compreensão.

Mãezinha, aqui nossos mentores nos ocupam de trabalho e prece.

Orem, trabalhem que, assim, juntos, conseguiremos vencer as nossas fraquezas. Mãezinha, cada olhar triste, cada choro, cada coraçãozinho solitário que presenciei, nesse orfanato terreno que mencionei, serviu-me de consolo e alento. Mãe, porque vendo minhas filhas crescendo como estão, fortes, risonhas, com tanto carinho e amor, tenho vergonha de te dizer que tenho pena delas, por serem órfãs de mãe. Porque, mãe, órfão na verdade são aqueles que não crêem no Senhor. Órfãos são aqueles que não têm o carinho e o amor que vocês doam, para minhas pequeninas. Tantas outras precisam de vocês.

Alan, meu filho, obrigada por tantas preces, obrigada por tudo, obrigada por olhar também por nossas pequeninas. Continue sua vida, dedique-se mais ao trabalho, não fique assim tão angustiado. Meu querido, a vida é eterna. Estou muito viva; não se entregue ao cansaço e à invigilância, vigie-se, ore, é muito importante para todos nós.

Mãezinha, só consegui permissão para lhe falar porque sofro muito, mãe, de vê-la triste; anima-te, anima-te por mim, porque também muito te amo e espero superar junto com você a dor da separação.

Em 11.09.1990 – Três meses após o desencarne.

MEU DESENCARNE DA VIDA ANTERIOR

Onze de setembro de um ano bem distante. Dia que marcou minha passagem pela Terra. Mais uma vez, eu, grávida, enjeitando, pela última vez, um ser pequenino que se formava dentro de mim. Desprezei-o tanto que deixei de me alimentar, abandonei-me ao desalento profundo.

Minha mãezinha, pobrezinha, sofria sem nada poder fazer. Meu marido sofria muito, porque sabia que não o amava. Rejeitando um filho seu, eu o desprezava profundamente; não suportei, adoeci e desencarnei. Quando foi feita a separação do meu corpo carnal, senti-me perdida. Queria fugir daquelas pessoas que me perseguiram. Fiquei desesperada! Quanto choro de crianças passei a ouvir. Eu me sentia culpada, não sabia que a vida após a morte existia.

Lembro-me de que, na época, muitos livros de um homem que era considerado lunático foram queimados.¹ Aquilo tudo que ele queria provar deixou dúvidas. Mas não me fora provado. Quando me senti morta, mas viva, fiquei louca, queria falar com minha mãezinha que estava viva. Que ela me ajudasse. Ela não entando se sentia culpada, pois assumia toda culpa de minha partida, jurando-me sempre eterno amor e amizade. Não sabia como fazer, não sabia como lhe dizer. Fiquei desesperada, afinal, eu era boa, mas muito infeliz, pois perdera para sempre a quem muito amava. Não, não perdi, mas na minha falta de saber, prolonguei em muito a nossa caminhada juntos.

Fui ajudada por amigos, parentes, que, na época, já haviam desencarnado. Conscientizei-me do quanto era necessário que eu trabalhasse e que resgatasse, enfim, o débito enorme que deixei para trás.

1. Queima dos livros de Kardec (09/10/1861)

Após alguns anos, minha mãezinha querida veio a desencarnar, livrou-se das garras perversas do meu pai. Eu estava junto dela e a recebi com muito amor. Foi um encontro triunfante, pois nos amávamos muito. Ela, que também se conscientizara de erros que cometera junto a mim, foi capaz de ajudar-me e dar-me muita força na próxima encarnação em que nos reuniríamos novamente. Levou muito tempo para que novamente pudéssemos nos reunir para resgatarmos os erros que cometi na minha caminhada terrena.

Não sei ao certo. Uns 100 anos se passaram para que pudéssemos estar juntos de novo.

Pai, vim nesta vida e depusitei todo amor guardado em meu peito naquele que me fez muito feliz. Naquele que através dos tempos nunca deixou de me amar. Você, Alan, que tanto admiro, viva, meu amor, siga em frente em sua caminhada, porque chegou também a sua hora de ser feliz. Chega de tantos desencontros, viva e seja feliz, que muito me fará feliz por isso. Mas, meu querido, não faça como eu um dia fiz. Não deixe no meio do caminho sua responsabilidade. Mesmo que distante, jamais desampare nossas pequeninas, que muito precisam de todo o seu amor, carinho, respeito e amizade.

Mãezinha, amor de minha vida, obrigada por dividir comigo esta dor. Muitas vezes, percebi pensamentos como: "Que nada, ela é que está bem. Deixou nas costas dos outros o peso de seus filhos".¹ Não, mãe, sei que bem sabes que não é assim. Sou um espírito em busca da perfeição. Sou muito imperfeita ainda. Sofro muito pelas minhas pequeninas, sofro de saudades de todos. A angústia em meu peito é grande, pois num dia como ontem² eu só estava presente em espírito e não em carne como bem gostarias que estivesse.

1. Comentário feito por uma de suas amigas encarnada.

2. Aniversário de sua filha Suzian em 19.08.91, onde fizemos um pequeno culto de agradecimento.

Ver minha filhinha crescer e andar por si; na verdade, como gostaria que tivesse o meu auxílio!

Mesmo sabendo que, mãe, tu fazes exatamente o que eu faria. Amo-te muito por isso. Amo a todos, eternamente.

Mãezinha, na verdade, hoje reunimos junto de ti muitos dos meus filhos. Maria, você que um dia muito me ajudou e continua me ajudando. Você que me deu forças onde, sinceramente, achava que não tinha. Obrigada por tudo também.³

Paizinho, eu o amo muito. Amo, porque, às vezes, todos acham que você não vai conseguir. Você consegue, paizinho, deixar de ser duro e fazer minha mãezinha muito feliz.

Mãezinha, aos poucos nos diremos muitas coisas. Mas, no momento, ainda é muito difícil para eu relatar coisas que aconteceram e de que muito me envergonho. Se o tempo voltasse faria melhor, é assim que dizemos muitas vezes. Mas, mãe, eu penso ao contrário, quero que o tempo passe para que mais e mais eu possa acertar.

Mãezinha, quero deixar registrado, mais uma vez, que os amo muito.

Suziam, querida, muito a amo você e à sua irmãzinha.

Alan, meu amor, força porque, sempre que precisar, estarei lhe ajudando, dando um pouco de forças dentro do possível.

20.08.1991 – Um ano e dois meses após o desencarne.

3. Maria, pessoa muito querida da família, que toma conta de Suzane (filha de Suzette que nasceu prematura), desde que a mesma saiu da UTI Hospital São Vicente de Paulo (Rio) e foi levada para o lar da mãe e do papai de Suzette.

A VIDA CONTINUA APÓS O RAIAR DE UM NOVO SOL

Vinte e sete de setembro.¹ Amanheceu um dia maravilhoso. Estava aflita, nervosa, ansiosa. Pedi licença ao Mestre e dediquei todo dia, com afinco, ao trabalho para que eu pudesse dar uma chegada aqui. Fiquei nervosa todo o dia. Fiquei ansiosa que o tempo custasse. Trabalho com crianças. Então, o trabalho é grande e as horas voam. Pensei que não daria, mas deu. Peguei o transporte, eu e alguns amigos e nos dirigimos a Macaé.

Estava triste o tempo. Chuvoso. Encontrei-o assim como o tempo: triste e pensativo. Juntei-me à minha querida mãe e pus-me a orar. Orar por você, meu querido Alan. Oramos muito para que esta tristeza estampada em você passasse.

Senti-me aliviada quando, depois de muito orar, você conseguiu descansar e dormir. Desligar-se, enfim, do corpo carnal e ver a mim, como nos velhos tempos. Conversamos muito sobre nossas filhas, nossas vidas. Você não se lembrou de nada eu sei, mas acordou com o coração muito aliviado. Com muito mais desapego às angústias do passado, porque mais um dia surgia, maravilhoso e ensolarado. Olhou para nossas pequeninas com olhos diferentes que os de costume e fiquei feliz, muito feliz de vê-lo assim, bem, como há muito não o via.

Meu querido, a vida continua após o raiar de um novo sol.

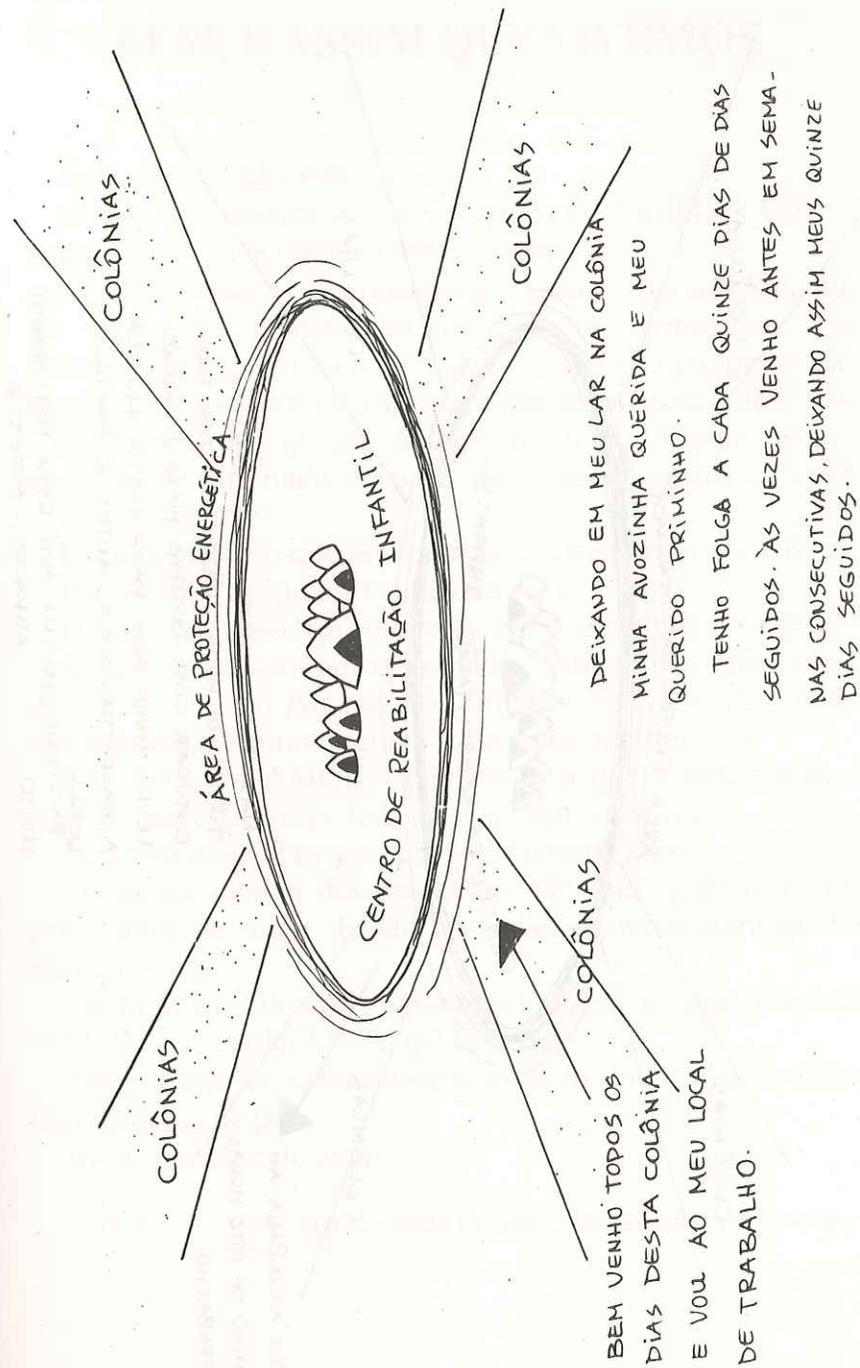
Mãe, como você é digna do nosso amor! Como batalha para que o equilíbrio desse lar permaneça. Mãe você é pedra preciosa que encontrei em meu caminho. E espero que, com a ajuda de Deus, fique sempre a iluminar meus dias de felicidade e esperança.

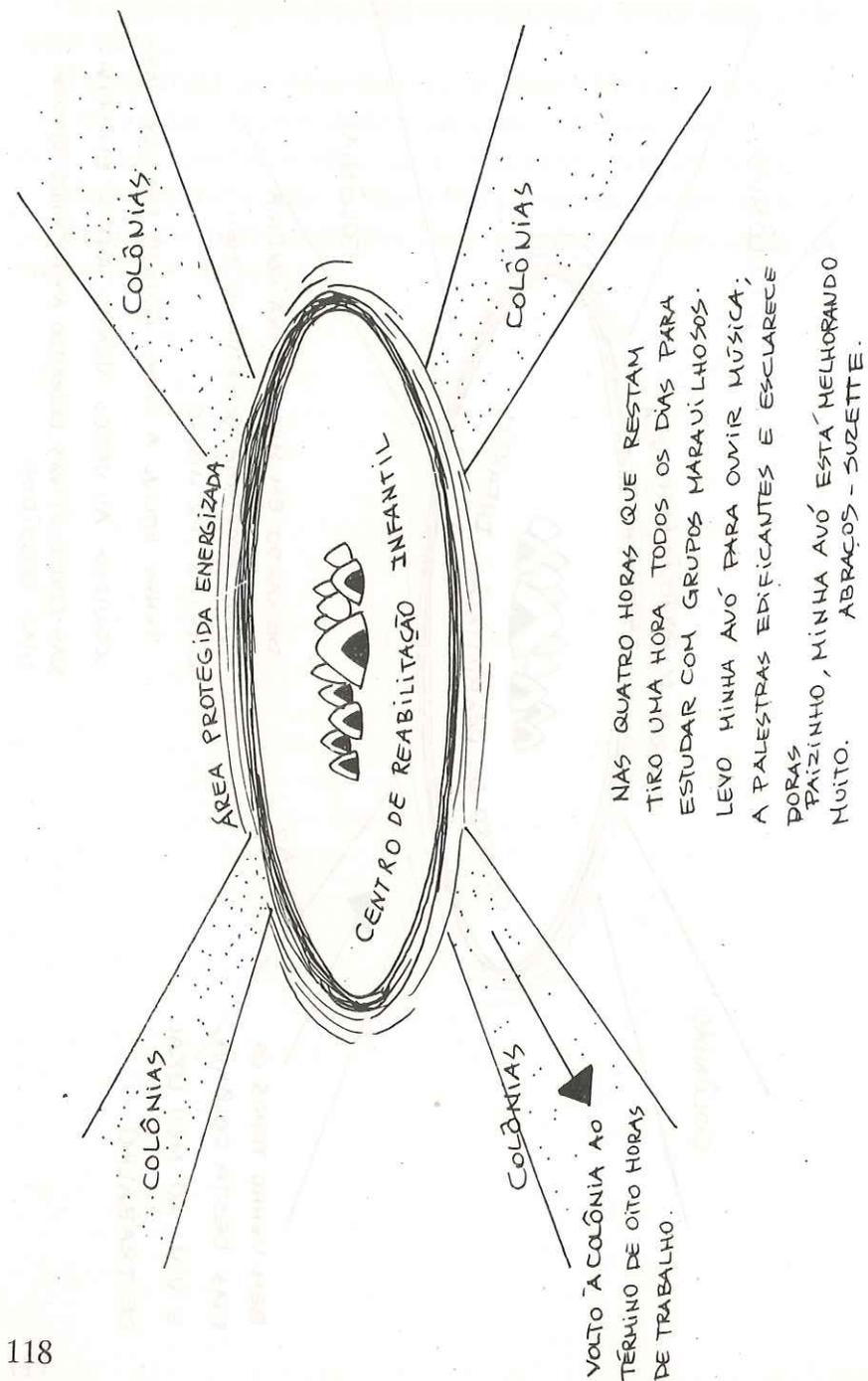
1. Dia em que Alan, que foi o seu companheiro de jornada terrena, aniversaria.

Há muito, estamos ligados entre começo, entre vidas e desencontros.

Mãe querida, assim como você, o Alan e Maria, numa tentativa de ajudar-me, me dedicaram todo o seu carinho. E ainda hoje, numa distância imaginária, estão me ajudando muito.

Filhas queridas, que o Bom Pai jamais as desaparem. E perdoem-me para mais leve ficar a minha missão longe de vocês, filhas amadas.





BEM, É ASSIM QUE VIVEMOS

Bem, é assim que vivemos.

Quero lhes mostrar irmãos o poder do "AMOR". Com o amor construímos mundos maravilhosos.

Na maioria das vezes, falamos que quando o dia se vai, que ele foi bom. Foi bom para você "da sua vontade" — e já pararam para pensar na importância do amor? Já se perguntaram se quem estava ao seu lado também achou o dia bom?. Não está sendo egoísta quando fala que o seu dia foi bom, esquecendo-se de que nada fez para que o dia de outros também tivesse sido bom?

Por que impõe o que está bom para você para os outros?

Por que não aceita o irmão como ele é?

Por que dos nossos problemas sempre tem alguém culpado? Se o país vai mal, por que os culpados? Afinal não somos seres diferentes — e sim *parecidos*. — Como seres parecidos todos temos culpa. Façamos alguma coisa e nos unamos.

Em nome do AMOR, dêem amor a quem dele precisa. Aquele que está ao seu lado, agora, neste momento.

Levemos amor. Porque com amor construímos.

Comecem dentro dos seus lares. Amemos porque muito precisamos de amor. Então aprendam a amar, para que o mundo os ame.

Ao invés de criticarmos a pobreza humana por que não doar "AMOR — e ajudar? Por quê? Por quê?

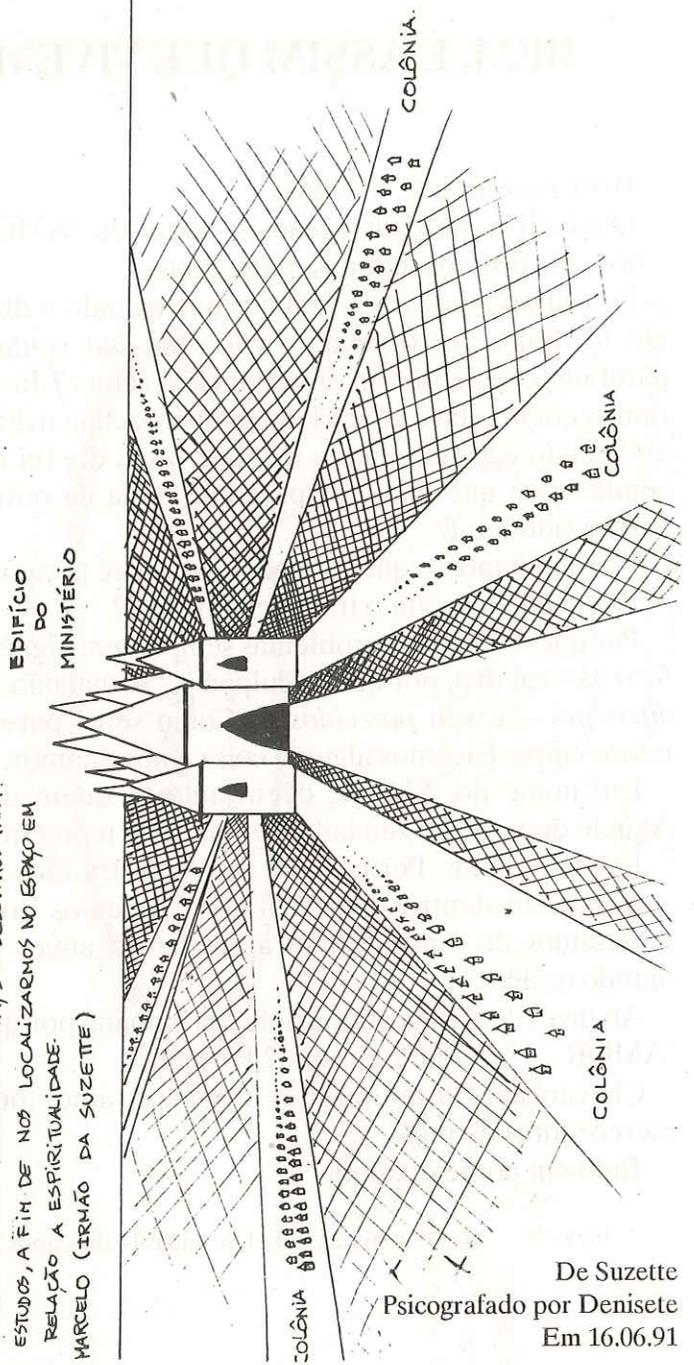
Chegará um dia, enfim, que em nome do amor todos seremos mercedores de paz.

Tudo em nome do amor.

16/06/01 - Mensagem recebida Um ano e 14 dias após o desencarne

OBs: NÃO SE DEVE PERCORRER OS OLHOS NESSES DESENHOS COMO QUEM VÊ FOTOGRAFIAS. OS DESENHOS NÃO SÃO DETALHADOS, MAS SÃO ESQUEMÁTICOS, MOSTRANDO TODA A ESTRUTURA DA ORGANIZAÇÃO DO PLANO ESPIRITUAL, A HIERARQUIA E VARIEDADE DE COLÔNIAS, A LIGAÇÃO ENTRE ELAS E OUTROS MUNDOS. ENFIM, SÃO DESENHOS PARA ESTUDOS, A FIM DE NOS LOCALIZARMOs NO ESPAÇO EM RELAÇÃO A ESPIRITUALIDADE.
MARCELO (IRMÃO DA SUZETTE)

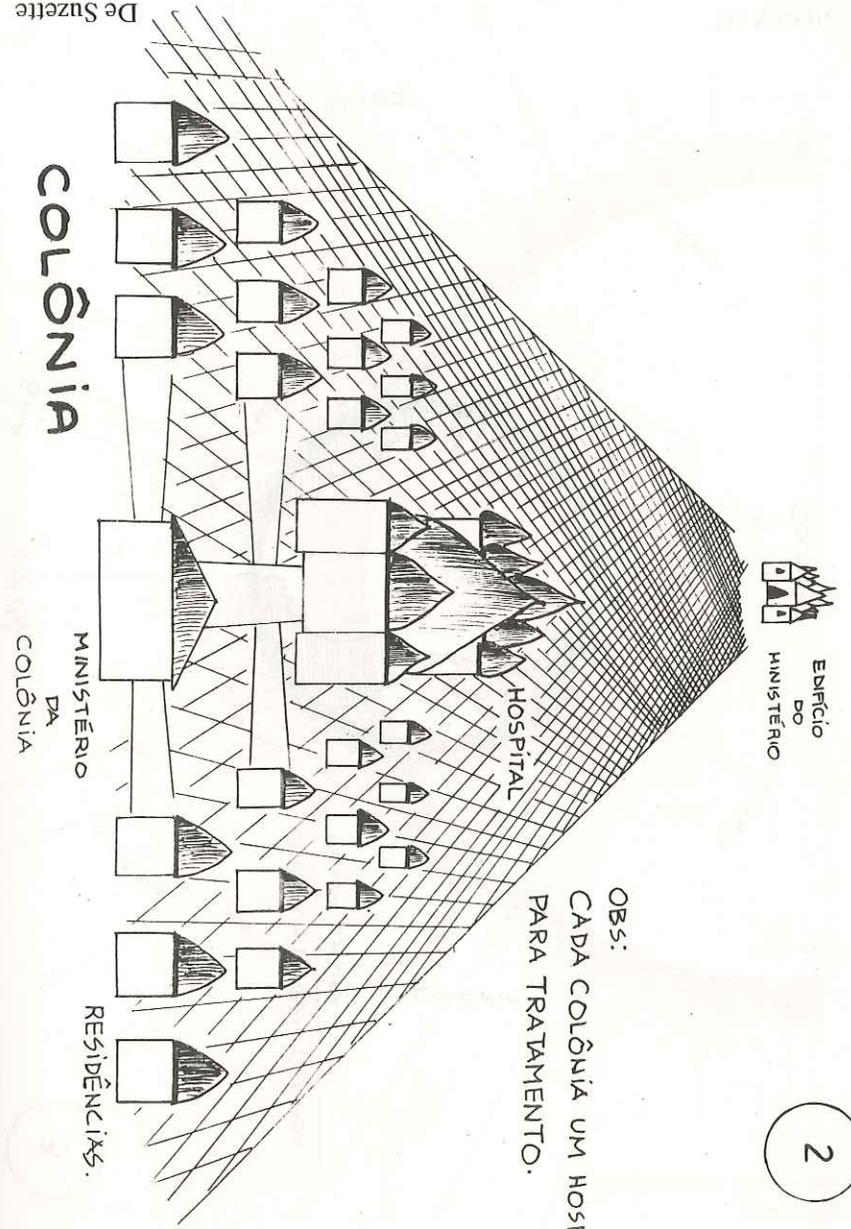
1



2

OBs: CADA COLÔNIA UM HOSPITAL PARA TRATAMENTO.

De Suzette Psicografado por Denisetete Em 16.06.91



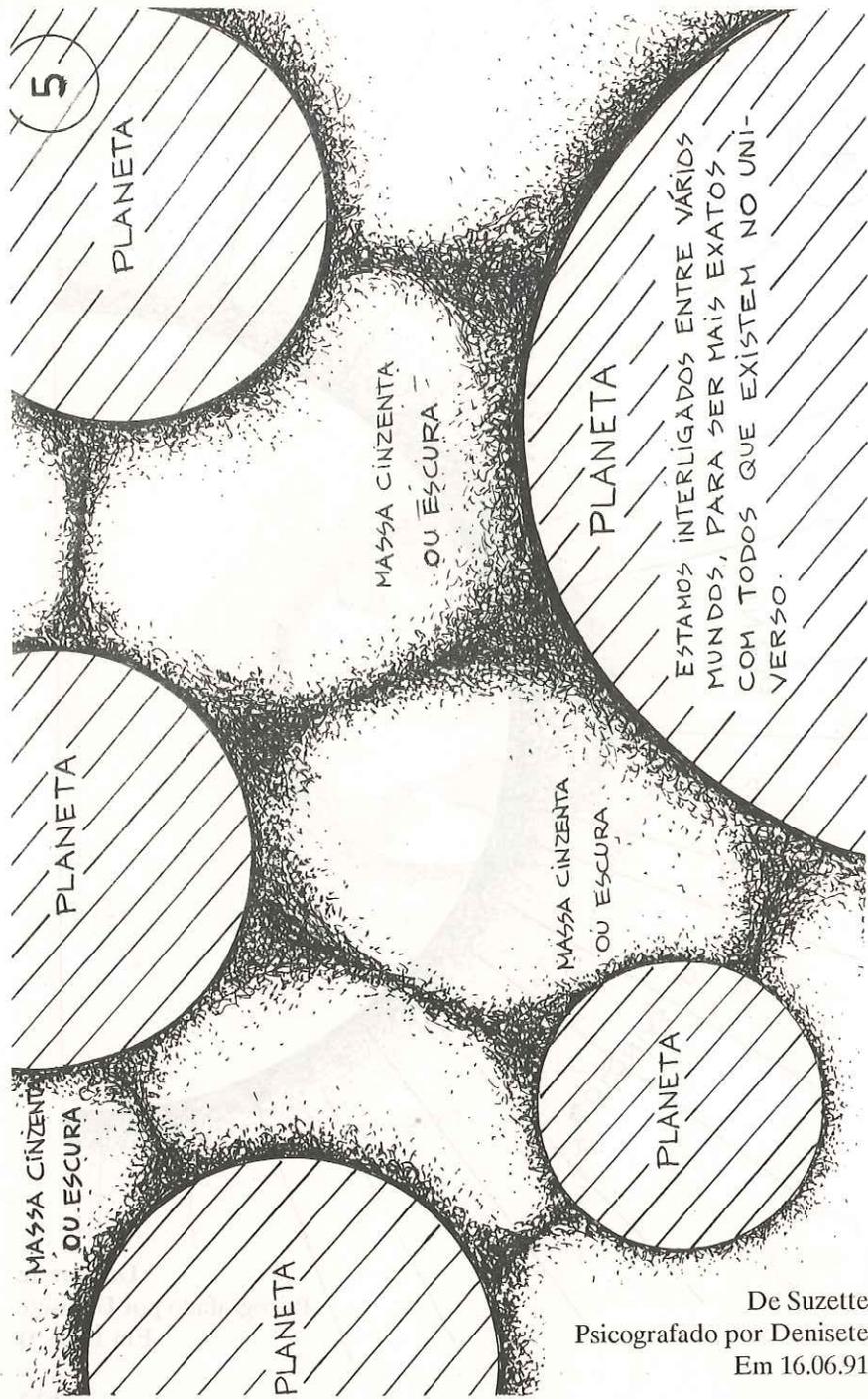
COLÔNIA

MINISTÉRIO DA COLÔNIA

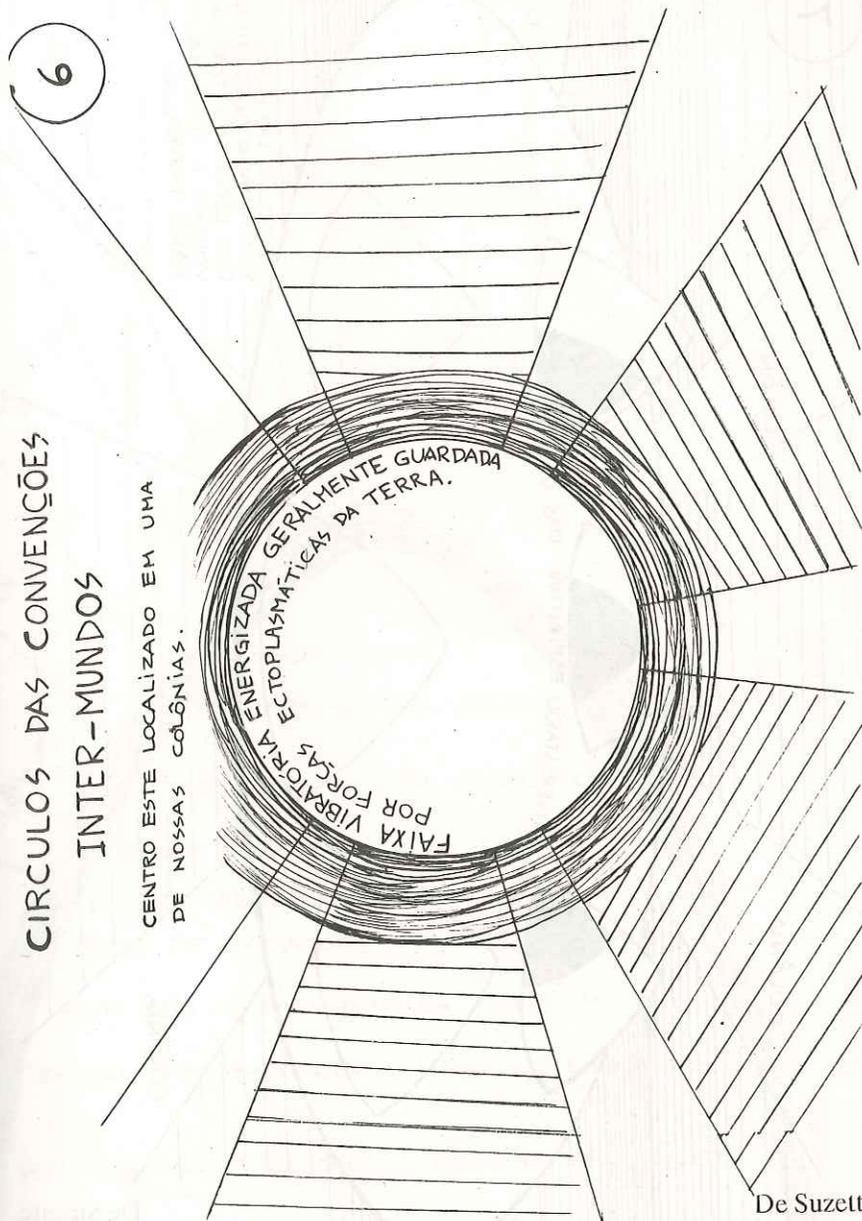
RESIDÊNCIAS.

HOSPITAL

EDIFÍCIO DO MINISTÉRIO



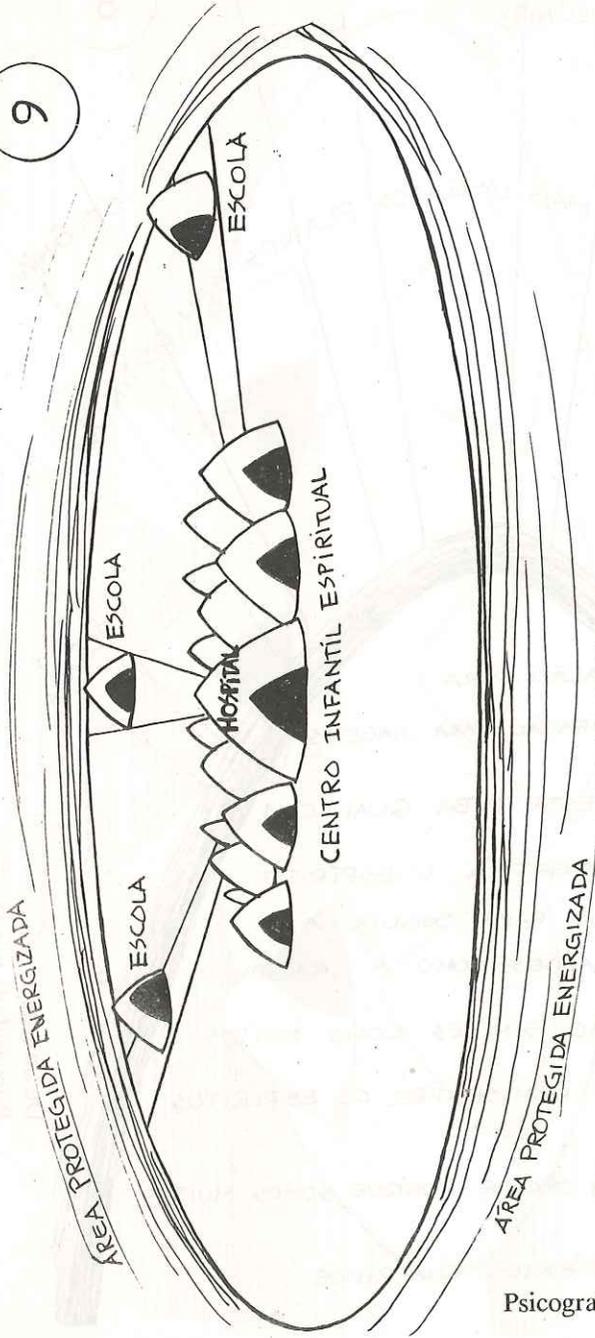
De Suzette
Psicografado por Denise
Em 16.06.91



CIRCULOS DAS CONVENÇÕES
INTER-MUNDOS

De Suzette
Psicografado por Denise
Em 16.06.91

9



De Suzette
 Psicografado por Denisete
 Em 16.06.91

AQUI ONDE SE REUNEM MUITOS JOVENS QUE PARTIRAM,
 E NA SUA MAIORIA DEIXARAM PARA TRÁS FILHOS AINDA
 PEQUENOS.
 CENTRO ONDE CONSEGUIMOS RECUPERAR JOVENS QUE
 SE ENTREGAM AO DESESPERO DEPOIS DO DESENCARNE.

10



COLÔNIAS



COLÔNIAS



COLÔNIAS



COLÔNIAS

NÃO COMO A MAIORIA IMAGINA COLÔNIAS E PLANOS
 INDISTINTAMENTE. SÏM COLÔNIAS NOS SEUS MAIS VARI-
 ADO GRAUS DE ENERGIA

De Suzette
 Psicografado por Denisete
 Em 16.06.91

A SURPRESA NO DIA DAS MÃES

Neste dia abençoado por Deus, símbolo do amor que se pode sentir, que é o seu ponto culminante, fui surpresa, quando fui escolhida pelos maiores, do grupo de mães, para dar uma mensagem que resume o sentido do Dia das Mães.

Fui escolhida para elaborar e ditar a mensagem que resume o sentimento de todos nós, que estamos numa espiritualidade, que continuamos a amá-los, a todos, que continuam em suas tarefas.

Pensei, inicialmente, na minha mãe, e minha vontade era a dedicar toda a mensagem para ela, principalmente porque ela trabalha e ama a todos, cada vez que se dedica mais.

As mães que estão aqui presentes a ela, por seus filhos que estão sempre distantes, que sentem o amor das mães, eles estão sempre distantes. Nuncas, porque para dentro deste sublime amor de mãe, parece que a cada momento, seremos arrancados dessa felicidade. Parece que sempre correndo atrás deste amor que sentimos por nossos filhos.

O sentimento que foi colocado no coração de uma mãe, criada por Deus, na de nós, para que pudéssemos, acima de tudo, interior de cada situação de amparo que o recém-nascido necessita e de que precisará mesmo adulto, porque, deste amor todo nós precisamos longo de nossas vidas.

Descrever o seu amor, mãe, é sempre tão difícil, porque este assunto parece já muito discutido, por toda a literatura trazida pelo homem, ao longo da história.

Entretanto mostro a vocês hoje, uma colocação que trouxe da minha própria experiência, alcançada aqui no mundo espiritual, após ter sido surpreendida com meu próprio desenlace, de mãe recente.

Meus queridos amigos, presentes neste encontro de hoje. As aflições regenerativas são tantas que muitos de vocês não calculam todo o desespero e saudade que aflora em espíritos que, ontem, estavam abraçados com seus filhos e, hoje, sem saberem como ou por que, encontram-se separados daqueles que ainda não desfrutaram deste amor sublime, o ar nor mãe-filho.

No desespero inicial, todos, nesse caso, sentem um vazio e se sentem tristes, infelizes por não terem prosseguido com suas vidas ainda com tanto a fazer. Deixam para trás filhos, mães, maridos e uma vida toda a viver. Podem vocês imaginar o que é isto?

Entretanto, a sabedoria de Deus nunca se faz ausente, e logo compreendemos algumas coisas que são decisivamente importantes. Para começar, existe a surpresa de se estar vivos. Só isso é um choque que parece ser maior que o próprio desenlace. Entendem? Parece paradoxal, mas se assista mais por compreendermos que estamos vivos, do que a própria morte do corpo.

Só isso já é um grande susto. Continuamos vivos. Depois vem a lembrança, quando nos voltamos a tentar recordar nossos últimos momentos aflitivos.

É evidente que, ao trazermos para nós esta lembrança, nunca deixamos de ter o egoísmo nos espíritos em progresso que nos omos. Nesses momentos, esquecemos as dádivas trazidas por Deus, que novamente nos dá a vida, mostrando que sua natureza, não foi feita para levar seus filhos ao sofrimento, mas ao sobretudo para levá-los à felicidade, ao sentimento sublime que virá com seu progresso e a sua felicidade pelo próprio rescimento, resultado de depurações oriundas do sofrimento que empurra o espírito a um grau mais elevado.

no também, quantas e quantas vezes, vemos as mães, que estão
ber plano espiritual, a visitar seus filhinhos muitas vezes no
divi go ainda, e sendo envolvido por este amor universal e
no.

bel Outra coisa que sempre mexe conosco e nos faz entender a
cria eza e a compreensão de Deus, é quando acompanhar nos as
ain nças que estão aqui, a brincar com seus irmãozinhos os que
ver da estão por aí. É muito interessante, porque chega mos a
des que os meninos encarnados estão vendo seus irmãozinhos
a p encarnados e com eles brincam naturalmente. Aliás esta é
tud a palavra-chave da minha narrativa: "*naturalmente*". Como
rez o é natural, é suave, ocorre lenta e continuamente na Natu-
de a, sem transformações abruptas mostrando que o seu Gran-
sua Regente não tem pressa porque conhece todos os tons de
partitura.

a se Portanto minhas queridas mães, presentes aqui, que s entem
me paração de seus filhos, estejam eles no plano espirit ual ou
nos smo distantes no plano físico, saibam com toda a certeza qual ou
de sso amor de mãe, por maior que seja, não é maior que a za que
per Deus. Confiemos neste amor Grandioso e elevemos o amor
cor isamento à Sua Obra, reconhecendo toda a sua sabedo ria na
pstrução das relações de amor que regem a humanidade.
Fiquem com a paz de Deus.

09.06.1992 – Mensagem recebida dois anos após o desen carne.

MINHAS PEQUENAS ESTRELINHAS APAGADAS

Madrugada cinzenta, gelada
Madrugada triste, antecedida
de dor e desespero...
Sol ofuscante, a brilhar
Em semblantes cansados e amargos.
Na caída da tarde, o afago,
O fogo do desespero e da dor.
Meu amado a lamentar,
Meus amigos a chorar,
Minha mãe desencantada
Em dor, em choro triste.
Minhas pequenas estrelinhas apagadas
No abafo de tanta dor.
Meu peito a doer e remoer
O que estava feito já não tinha jeito...
Agora só me restava a esperança de
Em minha nova caminhada de amor q uias melhores
Com a falta do consolo que pensei não e dor.
De todos que amei um dia. o mais receber
Seu último olhar, seu último adeus
Doeu profundo em meu coração.
Se não disse por muito tempo que am
Amo e sempre o amarei, o,
Amado meu, que a dor abateu.
Perdoe-me se não lhe disse tantas vezes
Você foi o tesouro mais valioso que a es que o amo.
reservou para mim. vida

Obs.: O poema se refere à última vez que Suzete recebeu a visita do esposo no CTI (Rio), quando
este ainda no corpo físico
o não teve mais condições

29.11.1991 - Mensagem recebida um ano e cinco
meses após o desencarne

A JANELA ESTÁ ABERTA...

A janela está aberta
Para que sorria
Para que sinta o amor.

Sempre há uma janela aberta
Para orar
Para sentir o perfume das flores.

Não desista, sempre há uma janela aberta
Para que fique alerta
Para que ouça o canto dos pássaros
E os gritos de pequenas crianças.

Sempre há de existir uma janela aberta
Para você
Para que os raios solares penetrem
No seu pensamento e que você
Sempre sorria.

A janela está aberta para você
Sempre que se sentir triste
Ela está aberta para que
Não esqueça de sonhar
Com nuvens que passam.

A janela aberta nunca fecha
Porque bem sabe que a fé que tem
Sempre a manterá
Assim aberta e alegre.

Sinto que a vida passou
Mas jamais se acabou.
Sorria, a janela está aberta para você.
Sinto que a guerra acabou
Mas ninguém nunca se lamentou.

Sinto saudades
Mas também estou curada.

Sinto que você nem ligou
Mas tantos ficaram e a vida passou.

Sinto você longe
Mas sinto que você não veio porque
Não mais quis assim.

Sinto que parti
Mas não tarde voltarei para você

Sinto não ter você
Mas para que sofrer se tenho tantos.

Sinto mãos amigas a me acompanharem
Mas sinto que não vou lhe deixar

Eu sinto, sinto
Mas a vida é assim.
A gente sente a vida passar
Tão forte, tão rápida, que sinto
Por você não poder me acompanhar
Nem desfrutar de tão belos ensinamentos.

A flor que tenho para lhe dar é pequena
Mas esta flor é sincera

A flor que tenho para lhe ofertar é pura
Mas esta flor é sua.

A flor que tenho para lhe dar é quente
Então se aconchegue.

A flor é bela
A vida é sua
A fé é pura
A força é sua.

É flor sua.
É flor sua.

Não deixe de aceitar
A flor que tenho para lhe
A flor que tenho para lhe
É a minha própria alma e

dar é sincera
dar
cantar.

A chuva caiu
O homem sorriu
O gado chorou

A chuva lavou
Minha alma perdida.
O sol brilhou
E iluminou minha alma e

esquecida.

O vento passou
Minha alma ficou.
O cometa falhou
a estrela brilhou
Minha alma cantou

A rosa que me deu secou
A semente ficou
No meu coração brotou
O amor verdadeiro não
E pra sempre você ficou

passou

Reencarnação é grande
No meu peito súplicas de
Se há perdão
Não há de ter lamentação

provação,
oração

04.12.1990 – Mensagem

recebida seis meses após o desencarne.

Poema

dedicado ao esposo de Suzette, o Alan.

A flor que tenho para lhe
É flor pura
É flor saudade
É flor fé

dar é flor

Flores derramadas num chão de ventura,
Pétalas, espalhadas, de rosas perfumadas,
Carinho de mãe, mãe, amor e doçura.
Gestos maternos, de pessoa muito amada.
A ti mãezinha querida,
Que te dedicas ao teu trabalho
Com amor e afeição.
Recebe os meus cumprimentos
Como eterna gratidão.
Quero, hoje, te abraçar,
Te envolver e te sentir
Pois, pra sempre vou te amar
Te louvar, e agradecer.
Na vida, que hoje eu tenho,
Planto flores em meu jardim.
O teu nome é uma delas
Qual perfume de jasmim
Querida e eterna mãe,
Neste dia que é teu,
Veste-te de muita luz,
És doce como ninguém.

Página recebida por ocasião do aniversário da mãe de Suzette, pelo
médium Pedro Jardim (13.12.91) Grupo Pedro, Macaé-RJ.

PARABÉNS, MAMÃE

Mãe, minha história não tem fim, e vida após vida, aprendizados mil. **TEM FIM**

Nascendo e renascendo, sempre voltando e depois seguindo adiante com os erros que ficaram para trás.

Meus queridos, não podemos jamais nossas vidas, porque a vida é eterna. Nos esforçamos, sempre, nos esforçamos intensamente cada degrau de nossa evolução espiritual, consertando e acertando.

Tenho tantas coisas a contar. Tenho aprendido muito. Meus queridos, não há fim a nada em vida. E, eternamente, vivendo momentos felizes ao lado de vocês, essa evolução moral e bondade do Bom Pai, poder voltar quando permitido.

Meus queridos, o sonho jamais acabará. Meus irmãos, tenho vivido nós. E muito, muito além dos nossos sonhos; espero, com a todos unidos a trabalhar e lutar. E cada vez mais, sempre que me for permitido, sempre que me for permitido.

Meus irmãos, nunca The End (Fim) haverá para nenhum de nossos sonhos, estaremos realizando nossos sonhos, melhorando estaremos, melhor e com muita

25.06.1992 — Mensagem recebida do

). Sempre até breve.

SUZETTE.

is anos após o desencarne.

